

Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas
Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel



Notícias Sobre o Livro

A Morte do Tenente e Outras Mortes

Organização e digitalização:
Iraci Borszcz e Andre Luiz Fernandes da Silva
Coordenação: Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, 2016

Sumário

Sumário

01 JORNALISMO e literatura em debate.	3
02 - A morte do tenente e outras mortes.	4
03 – Biguaçu, para além dos atlas convencionais	5
04 – A MORTE do tenente e outras mortes.	6
05 - Biguaçu, para além dos atlas convencionais	7
06 - A tradição e a possibilidade de ruptura.	10
07 – A morte do tenente e outras mortes: a maestria narrativa de Salim Miguel	11
08 - A morte do tenente outras mortes II	19
09 - A maestria narrativa de Salim Miguel em A morte do tenente outras mortes	20
10 - Silêncio quebrado	21
11 - SALIM Miguel e “A Morte do Tenente e outras mortes”.	22
12 - Sobre a morte do tenente e outras mortes	23
13 - Center Book, Búnel-uma tragédia amazônica, o menino e o velho e a morte do tenente e outras mortes.....	24
14 – O contista Salim Miguel.....	25
15 – Salim entrega o ouro guardado no depósito.	26
16 – A morte do tenente e outras mortes”, de Salim Miguel.....	27
17 – Biguaçu: o realismo mágico de um burgo dos sonhos.....	28
18 – Depois de cinco anos, Salim Miguel com nova coletânea de contos	29
19 – A morte do tenente e outras mortes	30
20 - SALIM Miguel, o papa do Grupo Sul.....	31
21 – A técnica de mostrar o lugar, falando da gente	32
22 – A morte do tenente e outras mortes	33
23 – A morte do tenente.....	34
24 – A morte do tenente e outras mortes	35
25 – EM “A morte do tenente”, os contos que prendem o leitor	36
26 – OS CONTOS de Salim Miguel	37
27 – Salim Miguel: o conto visto como um iceberg.....	38
28 – A morte do Tenente	39
29 - O Silêncio quebrado.....	40
30 – A morte do tenente e outras mortes	40
31 – A tradição e a possibilidade da ruptura.....	41
32 – Seguro e Homogêneo.....	42
33 – Um ano nada fictício	43
34 - A morte do tenente e outras mortes	43
35 - Escolha pessoal	44
36 – A morte do tenente e outras mortes	45
37 - A Editora do mês Antares: qualidade editorial acima de tudo.	46

01 - JORNALISMO e literatura em debate.

JORNALISMO e literatura em debate. [Jornal Universitário]. Florianópolis, [197--?].

Jornalismo e literatura em debate

A Coordenadoria do Curso de Jornalismo da UFSC, a Secretaria de Comunicação Social do Governo Estadual e a Assembleia Legislativa promoveram, nos dias 8 e 22 de junho, sessões de debates sobre Jornalismo e Literatura, congregando jornalistas e escritores de outros Estados e de Santa Catarina. A primeira etapa contou com a participação dos jornalistas Hélio Pólvara e Salim Miguel e dos escritores Guido Wilmar Sassi e Flávio José Cardozo. Depois dos debates, os quatro autores compareceram à Assembleia Legislativa para autografarem suas últimas obras: "Noites Vivas", de Hélio Pólvara; "A Morte do Tenente e outras Morte", de

Salim Miguel; "São Miguel", de Guido W. Sassi; e "Zélica e outros", de Flávio José Cardozo. A segunda sessão realizou-se no auditório da Reitoria, integrando a mesa o jornalista Fausto Cunha e o professor Celestino Sachet. À noite, no Palácio Barriga Verde, Fausto Cunha lançou "A Leitura Aberta", enquanto Holdemar Menezes, que esteve impedido de comparecer aos debates, autografou "A Sonda Uretral" e Nereu Correa lançou "A Tapeçaria Linguística d'Os Sertões e outros ensaios". Autoridades, escritores, professores, jornalistas e estudantes compareceram a ambos os lançamentos conjuntos.



Hélio Pólvara
Hélio Pólvara é Baiano. Jornalista profissional desde 1951. Já trabalhou em quase todos os jornais cariocas, como redator e editor. Foi coordenador do noticiário político do *Jornal do Brasil*, editor da primeira e última páginas do *Correio da Manhã*, chefe do Copy-Desk do *Diário Carioca* e editorialista, durante sete anos, do *Jornal do Brasil*, onde também assinou por muitos anos uma coluna semanal de crítica literária.
Como crítico de literatura, foi colaborador de *Veja*, durante dois anos, e, em data recente, do *Correio Brasiliense*.
Estreou na ficção em 1958, com *Os Galos da Aurora*, volume de histórias curtas a que se seguiram *A Mulher na Janela*, *Estranhos e Assustados* e *Noites Vivas*. Um novo livro seu, também de histórias curtas, sairá este ano pela Editora Cultura, de São Paulo. Hélio Pólvara é consultor literário das *Edições Antares*, do Rio de Janeiro.

Flávio José Cardozo
Flávio José Cardozo é natural de Lauro Müller; fez estudos em Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre. Em Porto Alegre, trabalhou como secretário editorial da Editora Globo. Voltando a residir em Florianópolis é diretor da Imprensa Oficial do Estado. Sua temática é predominantemente a ilha de Santa Catarina, sua gente, hábitos e costumes. Em 1968 teve três de seus contos premiados no concurso de contos do Paraná. Em 1969 voltou a ser premiado pela Academia Catarinense de Letras, no concurso nacional de contos. E em 1977 recebeu o terceiro prêmio no concurso Remington de Prosa. Além de numerosos contos em jornais, revistas e antologias, Flávio José Cardozo tem publicados *Singradura* e *Zélica* e outros. Para a Editora Globo traduziu *O Aleph* e *História Universal da Infâmia*, ambos de Jorge Luis Borges.

Salim Miguel
Salim Miguel criou-se no interior de Santa Catarina, em zonas de colonização alemã e açoriana. Libano-biguauense, auto-didata, começou a escrever cedo. Em 1944 muda-se para Florianópolis, onde com outros jovens cria o movimento que ficou conhecido como Grupo Sul (revista, editora, grupo teatral, clube de cinema, produtora cinematográfica, etc.). É jornalista profissional, tendo trabalhado ou colaborado em quase todos os jornais de Santa Catarina e muitos outros do país. Apaixonado por cinema, fez com sua mulher Eglê Malheiros, argumento e roteiro do primeiro longa metragem catarinense, tendo posteriormente adaptado, com Eglê Malheiros e Marcos Farias, A cartomante, conto de Machado de Assis, e *Fogo Morto*, romance de José Lins do Rego, para o cinema. Seus livros são quase todos centrados no município de Biguaçu. Publicou os livros de contos *Velhice*, *Alguma Gente*, *O primeiro gosto*, *A morte do tenente* e outras mortes e o romance *Rede*.

Guido Wilmar Sassi
Guido Wilmar Sassi é catarinense de Lages. Descendente de alemães e italianos, passou infância e juventude em Campos Novos. De sua convivência com a gente dessas cidades colheu grande parte do material de suas histórias. Autodidata, teve seu primeiro conto publicado na revista do Globo, de Porto Alegre, em 1949. Integrou-se, logo a seguir, ao Grupo Sul, de Florianópolis, movimento que reuniu jovens que buscavam algo novo no campo das letras e das artes. Pelas *Edições Sul* saíram seus dois primeiros livros de contos: *Piá* e *Amigo Velho*, este tendo conquistado o Prêmio Artur Azevedo do INL em 1957. A seguir incurtiu-se pela ficção científica, publicando o volume de contos *Testemunha do Tempo*. Com *São Miguel*, publicado em 1962, conquistou o prêmio Boa Leitura para romance inédito. A seguir lança *Geração do Deserto*, sobre as lutas do Contestado, que foi transformado em filme por Sílvio Bach. Escreveu muitos contos policiais e tem trabalhos publicados em numerosas antologias.

02 - A morte do tenente e outras mortes.

MELLO, Maria Amélia. A morte do tenente e outras mortes. **O Popular**. [S. l.], [197--?].



03 – Biguaçu, para além dos atlas convencionais

COUTINHO, Edilberto. Biguaçu, para além dos atlas convencionais. O Globo. Rio de Janeiro, 08 de abril, 1979. Livros.

Biguaçu, para além dos atlas convencionais

LIVROS - 8/4/79 - O Globo

Salim Miguel. A MORTE DO TENENTE E OUTRAS MORTES. Contos. Edições Antares/ MEC. 153 pg. Cr\$ 45.

Salim Miguel é um trabalhador consciencioso da palavra. Nos contos, a seu modo expressionistas, que foram a coletânea "A morte do tenente e outras mortes", o autor se mostra em pleno domínio de seus instrumentos, com um conhecimento de *métier* que deve servir de exemplo para muitos jovens que, hoje, se lançam à aventura das estantes sem a preocupação de aprender que o trabalho literário é realmente trabalho.

O ficcionista situa e denomina seu mundo. Biguaçu pode não existir nos atlas convencionais, mas existe e se impõe no mapa literário. E neste território (não menos verdadeiro, porque verossímil) que se desenrolam as histórias de "A morte do tenente e outras mortes". Salim Miguel faz circular personagens de um conto a outro, como figuras principais ou secundárias de um ou mais dos episódios, que sustentam a estrutura narrativa desta antologia de notável unidade estilística, técnica e temática. Não se pense aqui em unidade como sinônimo de uniformidade monótona. Há um sopro de vida que atravessa todo o livro. Somente ao largá-lo, na última página, o leitor para.

Então, pensa e volta. A primeira leitura foi, por assim dizer, "inocente". O leitor volta, agora melhor informado sobre Biguaçu e sua gente, para uma segunda tomada, em que pode melhor apreciar as intenções e sutilezas do autor, só aparentemente "fácil". Um dos talentos de Salim Miguel, com efeito, é saber proporcionar diferentes níveis de literatura. Sob este aspecto, "A morte do tenente e outras mortes" torna-se livro indicado para estudo em aulas de literatura moderna. Claro que não se trata de texto ostensivamente ou limitadamente didático. Contudo, tem razão Fausto Cunha (prefaciador) quando recomenda em especial um conto deste livro — "Outubro, 1930" — co-

mo um bom ponto de partida para se estudar, em Salim Miguel, e por extensão no conto brasileiro moderno, a diferença entre argumento, enredo (*plot*) e história (*story*), entre descrição e cena, entre episódio e incidente, à luz de conceitos oferecidos por uma tradição crítica em que se inserem E.M. Forster, Percy Lubbock, Virginia Woolf, Phyllis Bentley.

Em "A morte do tenente e outras mortes", Salim Miguel se mostra um autor preocupado em arrancar as máscaras que a gente usa no dia-a-dia, fazendo revelações e colocando interrogações que tornam os habitantes de Biguaçu de uma realidade pungente e quase palpável. O autor tem o gosto do detalhe certo, que fixa, que fica, em trechos como este, por exemplo: "Os passantes — eles sim mudavam, variavam, envelheciam — as viam à janela, rosto miúdo de passarinho quase colado, olhinhos vivos, debruçadas, indiferentes ou atentas ao menor rumor de um mundo que elas ignoravam, a um movimento que lhes era hostil, não-não, hostil não, o que é isso, desconhecido, estranho, que elas queriam compreender e apreender. Queriam?"

Este é o volume quarto da Coleção Diadorm, com que a Editora Antares homenageia Guimarães Rosa. A homenagem não poderia ser mais adequada, a começar pelos nomes selecionados: Hélio Pólvora, Moreira Campos, Jorge Medauar, Ricardo L. Hoffmann e Guido Wilmar Sassi — além de Salim Miguel — estão entre os seis primeiros. O livro todo merece ser lido, mas se tivesse que indicar um só dos contos de Salim Miguel, como exemplo de sua mestria narrativa, não teria dúvidas: "A aranha". Antológico, no melhor sentido, e que dá bem a medida do escritor como artista desta difícil arte que é o conto. Arte que, em Salim Miguel, não é de miniatura, mas de concentração. Enfim, louve-se neste livro o escritor maduro, capaz de oferecer um dos melhores momentos do conto brasileiro atual.

EDILBERTO COUTINHO

04 – A MORTE do tenente e outras mortes.

A MORTE do tenente e outras mortes. **Jornal Universitário**. Florianópolis, abr. 1979. Agenda, p.15.



05 - Biguaçu, para além dos atlas convencionais

COUTINHO, Edilberto. Biguaçu, para além dos atlas convencionais. **O Globo**. Rio de Janeiro, 08 abr. 1979

O GLOBO		DATA	OBS.:
REPORTER		Hora de ent. ao Secretário	
COPY DESK		Hora de entrega à oficina	

1	<u>Gente de Biguaçu</u>
2	
3	
4	Salim Miguel
5	
6	A MORTE DO TENENTE E OUTRAS MORTES
7	Contos
8	Edições Antares/ MEC
9	153 p.
10	\$ 45,00
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

O GLOBO

DATA

OBS.:

REPORTER

Hora de ent. ao Secretário

COPY DESK

Hora de entrega à oficina

coutinho/1

Salim Miguel é ~~um~~ um trabalhador consciente da palavra. Nos contos, a seu modo expressionistas, que formam a coletânea "A Morte do Tenente e Outras Mortes", o autor se mostra em pleno domínio de seus instrumentos, com um conhecimento de métier que deve ~~ser~~ servir de exemplo para muitos jovens ~~de hoje, que~~ ^{que,} lançam a se ~~iniciam~~ na aventura das estantes sem a preocupação de compreender ~~que~~ ^{realmente} que o trabalho literário é trabalho.

O ficcionista situa e denomina seu mundo. Biguaçu pode não existir nos Atlas convencionais, mas existe e se impõe no mapa literário. É neste território (não menos verdadeiro, porque verossímil) que se desenrolam as histórias de "A Morte do Tenente e Outras Mortes". Salim Miguel faz circular personagens de um conto a outro, ~~envolvendo-os~~ ^{dos} como figuras principais ou secundárias de um ou mais episódios, que sustentam a estrutura narrativa desta antologia de notável unidade estilística, técnica e temática. Não se pense aqui em unidade como sinônimo de uniformidade monótona. Há um sopro de vida que atravessa todo o livro. Somente ao largá-lo, na última página, o leitor pára. Então, pensa e volta. A primeira leitura foi, ~~uma leitura~~ ^{toma} por assim dizer, "inocente". O leitor volta, agora melhor informado sobre Biguaçu e sua gente, para uma segunda ~~leitura~~ ^{tomada} em que pode melhor apreciar as intenções e sutilezas do autor, ^{talentos} só aparentemente "fácil". Um dos ~~contos~~ de Salim Miguel, com efeito, é saber proporcionar diferentes níveis de leitura. Sob este aspecto, "A Morte do Tenente e Outras Mortes" torna-se livro indicado para estudo em aulas de literatura moderna. Claro que não se trata de texto ostensivamente ou limitadamente didático. Contudo, tem razão Fausto Cunha (prefaciador) quando recomenda em especial um conto deste livro -- "Outubro, 1930" -- como um bom ponto de partida para ^{se} estudar, em Salim

O GLOBO

DATA

OBS.:

REPÓRTER

Hora de ent. ao Secretário

COPY DESK

Hora de entrega à oficina

courtinho/2

Miguel, e por extensão no conto brasileiro moderno, a diferença entre argumento, enredo (plot) e história (story), entre descrição e cena, entre episódio e incidente, à luz de conceitos oferecidos por uma tradição crítica em que se inserem E. M. Forster, Percy Lubbock, Virginia Woolf, Phyllis Bentley.

Em "A Morte do Tenente e Outras Morte", Salim Miguel se mostra ~~um~~ autor preocupado em arrancar as ~~máscaras~~ máscaras que a gente usa no dia-a-dia, fazendo ~~revelações~~ revelações e colocando in-terrogações que tornam os habitantes de Biguaçu de uma realidade pungente e quase palpável. O autor tem o gosto ~~e o talento~~ trechos como este, do detalhe certo, que fixa, que fica, em ~~passagens como es-~~ por exemplo: "Os passantes -- eles sim mudavam, variavam, envelheciam -- as viam à janela, rosto miúdo de passarinho quase colado, olhinhos vivos, debruçadas, indiferentes ou atentas ao menor rumor de um mundo que elas ignoravam, a um movimento que lhes era hostil, não-não, hostil não, o que é isso, desconheci-Queriam?" do, estranho, que elas queriam compreender e apreender. ~~Queriam?~~

Este é o volume quarto da Colecção Diadorim, com que a ~~edi-~~tora Antares homenageia Guimarães Rosa. A homenagem não poderia ser mais adequada, a começar pelos nomes selecionados: ~~Helio~~ Pólvora, Moreira Campos, Jorge Medauar, Ricardo L. Hoffmann e Guido Wilmar ~~Sassi~~ ^{Sassi} -- além de Salim Miguel -- ^{está} entre os seis primeiros. ~~se tivesse~~ O livro todo merece ser lido, mas ~~que~~ que indicar um só dos contos de Salim Miguel, como exemplo de sua mestria narrativa, não teria dúvidas: "A Aranha". Antolôgi-co, no melhor sentido, e que dá bem a medida do ~~escritor~~ escritor como artista desta difícil arte, que é o conto. Arte que, em Salim Miguel, não é de miniatura, mas de concentração. ~~Enfim,~~ ^{louve-se} neste livro o escritor maduro, capaz de oferecer um dos melhores momentos do conto brasileiro atual.

FARIAS, Marcílio. A tradição e a possibilidade de ruptura. **Correio Braziliense**. Brasília, 27 nov.1979. Variedades. p.22.

LIVRO / crítica

MARCILIO FARIAS

A tradição e a possibilidade de ruptura

O conto é, antes de uma formulação, uma opção literária de padrão narrativo. Qualquer delimitação crítica em torno do conto, só possibilita uma abordagem dentro daquelas opções historicamente configuradas: dentro daquilo que aquelas formulações produziram. Teríamos assim uma linha que iniciaria com as narrativas de Scott e Cervantes, cristalizar-se-ia em Poe (este ainda lembrando muito Stenhal), e adquiriria a sua rotulação definitiva em Maupassant, Malaparte, Faulkner e Machado.

Salim Miguel filia-se àquela tradição contística transicional entre o experimentalismo Joyceano e o strem Faulkneriano. As influências das formulações contísticas do irlandês e do americano foram incisivas para a geração de prosadores brasileiros dos 30 e dos 40 décadas em que esse gênero de opção literária encontrou sua maior florescência.

Essa tradição cunha a formulação dos espaços gráficos manipulados pela sintaxe. É uma literatura de elaborações quase que artesanais, como se o conto se assemelhasse a alguma daquelas talhas toscas onde madeira e mão do artesão parecem buscar a forma ou o contorno mais perfeitos, em plena luz do dia. Toda a contística, de, por exemplo, um Marques Rebelo tem essa proposição como premissa irreversível. Assim com as formulações de Fonseca (contística recente), ou do excelente Fernando Abreu.

A rigor, todas as formulações do conto no Brasil situam-se entre a ruptura com essa tradição e o revitalizamento dessa mesma tradição.

No caso de Salim Miguel, os 11 contos de "A morte do tenente e outras histórias" (Edições Antares/MEC), são uma arrojada tentativa de revitalizar uma arquitetura contística que se julgaria à beira de uma exaustão indiscutível. O leitor estranhará o não mencionamento da literatura contística latinoamericana, onde se faz o que de melhor existe em termos contísticos, haja vista as experiências inigualáveis de Borges, Cortázar, João Antonio, Sábato, Puig e Marques. No entanto, note-se que estamos falando aqui da literatura contística ligada àquela tradição narrativa linear ou paralinhar, objeto das preocupações dos imagistas e que marcaram visivelmente a construção do conto brasileiro em particular. A literatura de Borges ou Cortázar, por exemplo, sempre esteve distante dessas influências ou melhor, sempre rejeitou essas influências em detrimento de outras, como o Erudicionismo ou o Enciclopédismo, ou mesmo o fantástico da literatura Britânica dos séculos XIV e XIII.

Os seis primeiros contos de "A morte do tenente", revelam um Salim Miguel preso aos cânones da composição falkneriana. Esse "método" de composição narrativa define-se pelo adensamento dos períodos na medida exata de sua concisão. Ao mesmo tempo, a ritmia das frases vai sendo determinada pelo tipo de psicologismo envolvido e que é condição sinquanon para desencadear o processo que ficou cunhado pelo anglicismo de strem of consciousness.

Exatamente, por isso é que nota a diferença entre esse bloco de seis e o segundo bloco, de cinco narrativas. Nas primeiras (especialmente "O gramofone") - onde existem ressonâncias de frase e parágrafo que lembram muito Surovum), o pontilhismo das situações mínimas é máxima. O

Salim Miguel

A MORTE DO TENENTE E OUTRAS MORTES



antares/mec

autor leva o detalhismo das atitudes psicológicas numa tiranda minuciosa, inventariante, típica portanto dos analíticos iniciados por Faulkner, desde seu "Soldier's Pay".

A uma semelhança incrível, inclusive na utilização do recurso mitográfico, assim como a Yoknapatawpha de Faulkner, as histórias do Salim Miguel possuem um ponto de convergência - referencial mitográfico. Bigoncu, cidadezinha microcosmo onde laborizam-se as indagações de Miguel.

Essa fidelidade a uma tradição contística, que se conseguiu produzir obras mestras de acuidade e exatidão narrativa, por outro lado caucionizou parte e meia da literatura da América. E isso sua mais trágica quando se constata que a produção final de autores como O'Connor, Anderson e mesmo Moravia, é simplesmente detestável. No conto americano hoje, ainda filiado a essa tradição, o único nome respeitável ainda é o de Capote - apesar da purpura que, a cada dia que passa, ele insiste em lançar ao redor de si mesmo.

Justamente quando rompe com as preocupações arquitetônicas e lança-se aos apelos livres da palavra, ao discurso interior que antecede o operário criativa, é que as narrativas de Salim Miguel adquirem seu maior rigor. Talvez por perderem o ranço elizante e pretencioso, tão típico da chatice provinciana do último Faulkner ou do último Lewis.

Os cinco contos que compõem a última parte do livro são primores narrativos indiscutíveis. Obras-primas da acuidade perceptiva, do sentido rítmico dos sentimentos expressos pelo signo gráfico: atenção redobrada ao jogo alquímico que se entremeia, no lance de palavra e significado. "Reunião", "Gato, gato, gato", "A urubá", "Outubro 1930" e "Amorinha" são peças que orgulham qualquer leitor. Mais próximas do novo cortazariano/borgiano, são trans-

figurações do real pela apresentação desse real em sua naturalidade elvada, e vivida pelo autor em todo o seu peso. Não mais a recriação dos fatos a partir da requintada elaboração verbal, não mais o pitecismo sintático como ponte entre o sentido e o vetor captacional desse sentido. Os últimos contos do livro revelam as possibilidades que se abrem para a narrativa de Salim Miguel.

Possibilidades, que largam o primado da arquitetura pelo primado do fluxo de idéias a serviço de um significado. Da palavra. O jogo entre elas pertence a maior ou menor clarificação do autor diante do real e de si mesmo. Essa a grande lição de Borges e Cortázar. O dizer só é dizer na medida em que o homem que diz é antes de si - lo, e, quando o é, é - o através do fato literário, com o fato literário e pelo fato literário. Essa postura pode ser ampliada a todas as modalidades do fazer artístico.

Sem ter, evidentemente, o arrojado de João Antonio, que sozinho leva nas costas a responsabilidade de a alegria, talvez, de ser o único contista a enveredar pelas fúrias do novo com toda a disponibilidade do seu fazer criador, o processo criativo de Salim Miguel, pelo que evidenciam seus últimos contos está maduramente preparado para uma guinada mais radical: para a ruptura saudável e total com os arquétipos e paradigmas narrativos que agora só têm o mérito de cultivar uma literatura de formulações precisas, sim, exatas, sim, mas justamente por isso, um re-rodadas de um distanciamento que inicia no momento em que a dança dos signos se torna superficial por ser adensada em um experimentalismo exacerbadamente longe do sentimento, da aproximação, da transparência.

A intersubjetividade antes de se constituir numa premissa filosófica é a essência e o razão de qualquer fato criador. Assim como o rumo é determinado pelo sentido dos passos.

07 – A morte do tenente e outras mortes: a maestria narrativa de Salim Miguel

FERREIRA, Edda Arzúa. A morte do tenente e outras mortes: a maestria narrativa de Salim Miguel. [O Estado?]. Florianópolis, 15 out. 1983.

"A morte do tenente e outras mortes": a maestria narrativa de Salim Miguel.

Falar sobre a obra de Salim Miguel, mais especificamente sobre seu livro - "A morte do tenente e outras mortes" - constitui para mim um grande desafio e ao mesmo tempo uma tarefa extremamente agradável. Agradável, porquanto encontrei nesse livro alguns contos de densidade indiscutível, constos estes que podem ser nivelados aos de autores da maior representatividade da literatura brasileira como Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Rubem Fonseca, Aníbal Machado e outros. Ora, tratar de uma obra de tal envergadura é acima de tudo, um desafio. E não sei, sinceramente, se terei fôlego para vencê-lo.

Ao escolher este livro de SM como ponto central desta nossa conversa não pretendo, de modo algum, desmerecer seus outros trabalhos ficcionais. Não se trata disto, absolutamente. Seus livros: Velhice, Alguma gente e o Primeiro gosto apresentam inegável valor literário. Mas, confesso que fiquei inteiramente fascinada com a leitura (aliás, repetidas leituras) de "A morte do tenente..."

... "O importante não é publicar. Importante é o que se publica. Importante é que a obra tenha significado, represente alguma coisa, seja estética e socialmente válida. Não basta o que tenhamos o que contar: é preciso saber contar" (Palavras de SM em entrevista a Raúl Caldas Fº - "O Estado" - 1973). É precisamente aí, no "saber contar", que reside a força de SM.

Disse, de início, que encontrei em "A morte do tenente..." contos do mais alto valor literário. E me dou a liberdade de indicá-los aqui, pela ordem em que aparecem no livro, visto que ao elegê-los, implicitamente já os hierarquizei. Considero realmente exemplares, os contos:

- O gramofone
- As querida velhinhas
- A aranha
- Outubro, 1930
- Amanhã.

"Gina-boa", "Reunião", "O silêncio escuro" e "Gelo, gato, atog" são também bastante representativos. Mas, vou deter-me nos cinco primeiros indicados.

Não sei, realmente, qual desses textos é o mais bem construído: tanto no que diz respeito à caracterização das personagens, às relações espaço-temporais, como no que concerne ao discurso na sua abrangência a

Outro dado comum a todos esses contos é o trabalho com a palavra: trabalho minucioso, paciente, artesanal e ao mesmo tempo requintado. Percebe-se que as palavras de SM são elaboradas com um extremo cuidado: palavras de artesanato e de ourives. Linguagem ao mesmo tempo clara e ambígua, popular e erudita; linguagem que veicula várias "línguas" representativas dos diversos segmentos sociais e que instaura, assim, o plurilinguismo nas narrativas de SM. Linguagem que diz - dizendo e não-dizendo, linguagem sobretudo sugestiva que exige do leitor um igual trabalho de atenção, de percepção e de penetração nos meandros sutis do discurso de SM.

.....

Já no 1º conto - O gramofone - verificamos os efeitos instigantes do jogo temporal aí representado com muita ~~exatidão~~ arte: o som, elemento detonador da história, povoa toda essa narrativa. Mas, este som emerge de um aparelho sofisticado (tempo presente) que evoca e é ao mesmo tempo um gramofone (passado): "A música prossegue, me persegue, não sei mais se ela vem do sofisticado aparelho que mal diviso da minha meio-cegueira ou se a recupero de um mundo extinto" (19). ... Enquanto isso, ao lado do gramofone, mudando o disco, o tenente me (re)surge nítido, inteiro... (20).

Biguaçu é Biguaçu mas é também o Líbano. O mundo fechado de Biguaçu é ~~invadido~~ invadido pelas distantes terras do Líbano e o som, a música como que jogam o passado no presente: "A música agora é una, indivisível (21). No presente, fala-se na 2ª. guerra mundial, mas convive com esta - ~~é~~ o que conta, pois que a abafa - ~~é~~ a morte do tenente, em 1915. O protagonista José é acima de tudo Yussef. O passado mistura-se ao presente, confunde-se com este, sufoca-o e se presentifica:

"Deixo-me agora, 60 anos passados, me levar pelo som, pela música, ela me traz de volta os meus 18 anos, aquele viver pobre, solto, selvagem." (20/21)

"Entem era seu João-Dedinho, delegado-alfaiate, que chega, entra e me fala da guerra - que guerra? Depois é Ti' Adão, o preto velho com suas histórias. Hoje é meu filho, com problemas do momento presente que não me envolvem. Um presente que não é, nele não vivo." (21)

"Sentome ao lado do que fui em 1915, o velho e o moço se observam a medo, se tateiam, se reconhecem-desconhecendo-se, se atraem e se repelem... Aqui donde estou, nesta cadeira que já faz parte de meu ser, o presente é ilusão, inexistente, o passado se faz presente, vive e vibra." (21)

Como vemos, as relações espaço-temporais são aí muitíssimo bem trabalhadas: a oscilação entre presente vs passado é marcada espacialmente (a cadeira/Biguaçu e o Líbano). Os índices do tempo se descobrem em um espaço reduzido (a cadeira) e este é percebido em função do tempo.

O monólogo interior da personagem vai nos mostrando, gradativamente, que a oscilação de sua identidade- José vs Yussef - não implica na perda dessa identidade, mas ao contrário: Yussef é José apenas para os homens dessa terra estranha; ele continua sendo visceralmente Yussef, o jovem que enfrentou perigos e até mesmo risco de vida para entregar uma carta (ou melhor, duas...) da mulher do tenente ao médico que deveria salvar a vida do militar onipotente, o chefe todo-poderoso de Kfarssouroun. O monólogo interior do protagonista José Yussef capta o conteúdo psíquico da personagem em seu estado incoativo, de dúvida, de perplexidades, pois que ligado a um mundo que já não mais existe, não consegue viver o presente que ^{se} lhe configura como ilusório: "o presente é ilusão, não existe." (p. 21).

No conto "A aranha", uma das obras-primas do conto heróti-
co em nosso país, a iniciação sexual de um menino é representada, acima
de tudo, através de palavras ambivalentes que ponteam o texto do começo
ao fim. Estas configuram a perplexidade do menino no ritual se sua inicia-
ção na vida: "... a prima da mãe se aproveita da ingenuidade dele, mosca
tonta e inocente enredada na teia, não querendo escapar. Não querendo?"
(123). A prima, aranha insaciável, ávida de entrega (e de orgasmo), não po-
dendo realizá-la com seu noivo, por conta das convenções e dos preconcei-
tos sociais, sobretudo em uma província, transfere a realização do seu de-
sejo libidinoso no contato com a criança. O elemento auditivo, não mais o
som, a música, mas em forma de ruídos enriquece a representação tátil e
sensorial do conto:

"Há um resfolegar que ele não sabe de onde vem... Enquanto fala a aranha
prosegue em sua faina, tece, trama, vai, vem, manipula, envolve em sua
teia a mosca que voluteia querendo fugir/ficar".
Agora a mulher rilha os dentes, geme, gane, espuma, palavras ininteligí-
veis chegam até ele, escuta alguma coisa parecida com uuuh, vem, amor,
ai, aaaa, mais, assim..." (124).

O narrador extra e heterodiegético quase não cede um discurso
às personagens; ele se limita a representar suas ações e suas palavras;
mas, essa representação é de tal forma substancial que se ouve ressoar,
inevitavelmente, junto com a fala do narrador, palavras "estranhas", ou
seja, das próprias personagens: (p. 121)

"Indeciso ele treme, não sabe que atitude tomar. Vai pedir que a mão pare,
pedir pros dedos recuarem. Que a aranha se afaste, saia. Não pede. (121)
"A prima da mãe arfava e gemia. Ele quis fugir, foi retido, uma súplica...
(123)
Um resfolegar surdo o atinge, um bafio quente o envolve. A aranha tece
sempre mais, amplia sua rede como um fogo crepitante e que abarca tudo,
aumentando não sabe como nem porquê." (121)

Em "Outubro, 1930", a história vai sendo construída grada-
tivamente, em planos sucessivos, através da evocação de coisas vistas e
imaginadas pela criança que fora testemunha (perplexa) da ressonância, ^{em Hig.,} de
episódios da Revolução de 30, ~~xxx~~ Revolução e contato com a morte são fe-
nômenos que lhe causaram igual estranheza.

Entretanto, o resultado estético deste conto reside no jogo
da fala narrativa. Vemos aí que a fala do narrador carrega consigo, forte-
mente, a fala da personagem: "Muitos anos depois ele procuraria reconsti-
tuir os acontecimentos. Puxar do fundo da memória, da nebulosa que eram a-
queles primeiros anos de uma infância solta e selvagem, o tatear, a busca,
o cheiro, as mil desencontradas emoções, a razão de ser de tudo aquilo, as
imagens esmaecidas de um tempo e de vultos que nunca mais tornara a ver. (1

...e ele queria saber, sôfrego. Inquiria, curioso e atento. Com inquietação e ânsia. Então se punha a conjecturar, instigava os outros, interrogava os adultos." (130)

A construção sintática das frases é a de uma narração na 3a. pessoa, mas, semanticamente, ouvimos ressoar bem alto a fala da personagem. As falas do narrador x da personagem se interpenetram de tal forma, que é quase impossível separar uma da outra. Daí porque temos uma narração aparentemente na 3a. pessoa, pois na verdade, se substituíssemos o ele por eu (ver exemplos anteriores) não haveria a menor alteração no significado da trama narrativa. E neste caso, segundo Benveniste, temos de fato uma narração na 1a. pessoa, um eu que se mascara em ele, um eu travestido em outro eu/ele. E a ambigüidade de um ele que é eu e vice-versa, representa a perplexidade do menino em face de acontecimentos que lhe pareciam insólitos. Sua perplexidade é acrescida ainda por outras falas - da coletividade de Biguaçu, fragmentos de frases, afirmações desencontradas que lhe ficaram na memória:

vem mais gente por aí prá cá
a mortandade é grande
bobagem
bomba perdida
que perdida, queriam dominar a
tem muita resistência ainda por este Brasil afora
besteira
não diga isto
novos tempos, melhores tempos
derrubada das oligarquias
cadáver na praia de São Miguel
sobras pra gente que não temos nada
me diga qual a importância de Biguaçu " (134-135)

Entretanto, no que diz respeito à fala narrativa, a escolha das palavras, sua precisão e elegância sem dúvida alguma adensam e enriquecem a tessitura narrativa deste conto.

O Texto "Amanhã", que traz uma evidente marca de oralidade, é construído através do diálogo entre marginais que se revoltam contra a vida sem perspectivas de seu lugarejo, mas que ao mesmo tempo vão contemporizando a sua arrancada para um mundo novo. Apesar da dialogização, as falas das personagens quase nada nos dizem de concreto: o que fica são aspirações, sonhos, desejos irrealizados à espera do "amanhã", do "dia que virá". E por isto mesmo as personagens deste conto ficam, permanecem para além do texto, obra aberta, instigante:

"Pensam em que outras noites virão, iguais... Nas intermináveis conversas das noites sem fim traçam planos... o que farão lá fora, o lá fora abarcando um mundo novo, de aventuras, emoção, conquistas. Impossível continuar naquele não-viver sem perspectivas. Um dia darão o grande salto, sim, largam tudo, esquecem a família. Se mandam. O mundo os espera, é preciso audácia." (146)
Tramam e tramam. Só. Não realizam, não executam." (146)

Mais uma vez misturam-se a fala do narrador e as falas das personagens. E a voz grupal, coletiva, se faz ouvir: "Mas amanhã vai ser diferente. Amanhã vamos largar tudo. Amanhã vamos nos mandar para sempre, para longe, bem longe. Amanhã". (146).

.....

Quando me foi sugerido que escolhesse um conto de SM para apresentar aqui, veio-me imediatamente à lembrança o conto- "As queridas velhinhas". Não apenas porque ele figura entre os cinco textos exemplares, para mim, do livro - "A morte do tenente.. - mas porque, na verdade, é aquele que me parece o mais bem elaborado de todos. Além disto, SM dedica esse conto a Aníbal Nunes Pires, intelectual da maior estatura e figura humana inesquecível que, curiosamente, foi quem me pôs em contato com as obras de SM, logo que aqui cheguei, em 1977. Lembro-me do entusiasmo e até da paixão com que o Prof. Aníbal me falava sobre os autores catarinenses e entre estes, com especial carinho, sobre SM. Empréstou-me seus livros, discutia-os comigo e se mostrava um admirador quase fanático da obra ficcional de SM. Parece-me, portanto, que este escritor não poderia prestar maior homenagem ao seu amigo Aníbal, do que esta de dedicar-lhe um dos textos ficcionais mais primorosos de toda a literatura - não só catarinense, mas, do nosso país.

Kate Hamburger afirma que não poderemos apreender jamais, em toda profundidade, o inefável estético de uma verdadeira obra de arte. Sendo assim, concordo que é muito difícil e muito perigoso adentrar no conto- "As queridas velhinhas". Trata-se de um texto extremamente rico, que fala por si e que deixará sempre toda e qualquer abordagem, por mais exaustivas que se pretendam, muito aquém do real valor literário deste conto. Mesmo assim, com a sensação de alguém que comete um sacrilégio, vou correr o risco de falar sobre ele. (*Litura -> 1º/4º - 8º -> 22/4º - 8º*)

Temos aí tentativas (inúteis) de desvendamento da história (misteriosa, enigmática) da vida de duas velhinhas, após sua morte. Digo tentativas inúteis, porquanto a recorrência da interrogação ao fim de cada bloco narrativo (e no interior dos mesmos-77) coloca diante de nós a permanência da dúvida, da indagação sem resposta, do mistério indesejável, do segredo que permanece post-mortem... (*70-72/74-77*). *1º/4º - 8º (1º 70-77)*

O texto é construído através de blocos desmontáveis (e remontáveis), em número de oito, que não obedecem a nenhuma ordem lógica ou cronológica. O conto não tem começo, meio e fim; poderíamos começar sua leitura, p. ex., pelo último bloco, como também por qualquer outro deles. Então vemos que o sentido de enigma, adivinhação, charada é registrado não ape-

nas através das interrogações, mas antes, é instaurado pelo próprio arranjo das seqüências narrativas que se ordenam, paradoxalmente, de forma aleatória. A anti-linearidade violenta marcada pela simultaneidade das indagações, das expectativas, dos comentários, da efabulação sobre a vida das velhinhas, como que indica a invulnerabilidade do tempo em face da morte. Nada mais as atinge. E então, por quê ordenar o que é, por definição, irrecuperável pelo tempo?!

A construção musical do "leit-motiv" é aí bem evidente: trata-se de variações sobre um mesmo tema - a vida misteriosa de duas velhinhas, mistério indecifrável mesmo e sobretudo após sua morte.

E para reforçar a harmonia construtiva desse conto não existe aí, a nível do discurso, o plano do narrador único. Trata-se, na verdade, de uma narração múltipla, criada por vozes anônimas, representativas do imaginário coletivo. (70-71) - 2º Bloco.

A pluralidade das vozes e até de linguagens independentes e distintas: vozes do imaginário popular, e falas individuais; de Serafim, do Prof., de Lauro-Barbeiro, da filha do professor, todas essas vozes orquestradas por um certo distanciamento cauteloso do narrador, conferem a este conto não apenas uma certa sonoridade (o coro), mas um dinamismo que se contrapõem, paradoxalmente, à estaticidade da morte. É que a morte, aqui, é apenas como que um pretexto para toda uma comunidade "sair em campo" à procura de uma explicação para a vida das duas velhinhas: vida "cinza, amorfa, sem flutuações, nem variações (72). Neste ponto, parece que há coincidência de pontos de vista: "O que ninguém aceitava era a vida cinza, amorfa, igual..." (72-73).

E a busca dessa explicação, a curiosidade insaciável (e insaciada) de toda uma coletividade a respeito da vida das duas velhinhas tem muito a ver com o espaço estreito, acanhado, de um lugarejo onde a vida se escoa sem alterações, na mesmice do cotidiano - aí e somente aí justifica-se o interesse inusitado pela vida ~~alheia~~ alheia: na impossibilidade de grandes realizações, as personagens contentam-se com o entretenimento através de conversas, histórias mais ou menos imaginárias, e até de fofocas: e há os que desentranham histórias pouco honrosas, quase mórbidas (71-2º B) e os que defendem a honra das "virginais donzelas". O importante é que a ação verbal, a tentativa de reconstrução e de explicação da vida das duas velhinhas está intimamente ligada ao espaço "real", simbólico e social deste conto, como se fosse um prolongamento do próprio espaço.

Além da polifonia e do plurilingüismo temos o discurso do narrador perpassado, visceralmente, pelo eco das vozes das velhinhas (4º B., p. 73): "Ao redor delas a paisagem se decompunha, se fragmentava, metamorfoseava-se a terrinha que as duas conheciam de muito antes, de tanto tempo, tanto. Que agora reconheciam-desconhecendo. Sem muito entusiasmo. Sem nenhum. De ouvir dizer. Procuravam reconstituir o passado, que o hoje não chegasse, ficasse lá distante.... (p. 73) Suas vozes aí ressoam ineludivelmente.

E é sobretudo através da fala narrativa contaminada pela fala das personagens que o jogo temporal deste conto se mostra em toda sua magnitude. Temos aí a fusão (e a confusão) entre dois tempos: o presente que é presente, mas que é ao mesmo tempo um passado que se presentifica.⁽¹²⁾ O discurso indireto livre que ponteia este 4º bloco do início ao fim, ratifica a ambigüidade, o clima de mistério, de engima, enfim o insólito da vida estranha daquelas duas velhinhas.

Ainda a nível de discurso, a proliferação de interrogações e de reticências, a ausência de ponto final reforçam o ritmo de suspense, de adivinhação e enriquecem o tom paradoxal deste conto.

As palavras, apuradamente trabalhadas, têm uma carga semântica extremamente expressiva. Tem-se a nítida impressão que cada uma delas foi cuidadosamente pensada, medida, escolhida. Nada há de supérfluo. E mesmo a adjetivação abundante é, no entanto, absolutamente precisa e pertinente.

E em uma narrativa repleta de histórias imaginárias, de fantasias, as figuras de linguagem teriam, necessariamente, de marcar o seu discurso: metáforas, antíteses, hipérboles, metonímias, paradoxos e uma sutil ironia (p. 76- 8ºB) pontilham o texto do começo ao fim, e também são responsáveis pela ~~riqueza~~ discursiva de SM.

O conto termina em aberto: o mistério das velhinhas continua vivo para além das páginas escritas, pois que as interrogações, as dúvidas, as perplexidades ficam sem resposta. (77- 8ºB). E paradoxalmente, apesar da morte, as queridas velhinhas permanecem misteriosamente vivas dentro de nós, ^{envoltas} nas verdades, meias-verdades, insinuações, alegorias, fantasias e fantasmagorias? (70-2ºB), produto da riqueza de imaginação - não apenas de uma coletividade, mas de um escritor que cedendo a palavra a suas personagens, fazendo destas não um objeto do discurso do autor, mas sujeitos (individual ou coletivo) de seu próprio discurso tornou, por isto mesmo, mais rica e mais profunda a sua narrativa.

Texto belíssimo, exemplarmente construído, perpassado de ironia e de humor, mas também de ternura e de encantamento, "as queridas velhinhas", por tudo que vimos, pode ser considerado indiscutivelmente uma obra-prima do conto brasileiro.

Florianópolis, 15/outubro/1983.

Edda Arzúa Ferreira.

FERREIRA, Edda Arzéia. A maestria narrativa de Salim Miguel em A morte do tenente outras mortes II. **O Estado**. Florianópolis, 18 nov.1984.p.29.



09 - A maestria narrativa de Salim Miguel em A morte do tenente outras mortes

FERREIRA, Edda Arzúa. A maestria narrativa de Salim Miguel em A morte do tenente outras mortes. O Estado. Florianópolis, 11 nov.1984 p.29.

A maestria narrativa de Salim Miguel em A Morte do Tenente e Outras Mortes

Um estudo atento e cuidadoso de "A Morte do Tenente", não significa, de modo algum, que minimize os outros trabalhos ficcionais de Salim Miguel: na verdade, "A Morte do Tenente" é o primeiro livro de "A voz submersa" também apresenta negável valor literário. Entretanto, a leitura de "A Morte do Tenente", nos faz lembrar de tal modo que nele nos detivemos por longo tempo. E deve haver, necessariamente, uma justificativa para tal procedimento: é que ao descobrirmos alguns contos de densidade indelével, contos estes que podem ser nivelados aos de autores da maior representatividade da literatura brasileira.

Não basta que tenhamos o que contar: é preciso saber contar. É precisamente aí, no "saber contar", que reside a maestria de Salim Miguel. Esta maestria evidencia-se sobretudo nos contos: "O gramolone", "A aranha", "Outubro, 1930", "As queridas", "Sete linhas", "Amanhã", que consideramos realmente textos exemplares. É assim torna-se difícil apontar qual destes contos é o mais bem construído: tanto nos diz respeito a caracterização das personagens, as relações espaço-temporais, bem como o que concerne ao discurso na sua abrangência a mais ampla: a perspectiva e a fala do narrador, a fala das personagens e da coletividade e suas respectivas visões de mundo: todas essas vozes onetrasadas pelo autor instauram a polifonia e a polissemia dos textos e lhes conferem uma força estética da maior densidade.

Embora o espaço comum a todos esses contos seja a cidade de Biguaçu — parece a primeira vista estreito insignificante, constatamos de um lado sua marcante funcionalidade enquanto ponto nodal do desmentar da trama narrativa e de outro, enquanto ponto de oscilação constante entre equilíbrio e ruptura do "estável", do estabelecido marcada nesse espaço através do jogo temporal que muitas vezes funde e confunde passado e presente, o que foi o que é e o que não é, de modo inovativo, o que poderia ter sido. Tudo isto resgata a aparente insignificância desse espaço e Biguaçu avulta diante de nós não apenas como um espaço real-ficcional, mas como um espaço simbólico e social que ultrapassa suas características de apenas uma "provincia", para ganhar foro, estatuto de "provincia universalizada". (Veja assim se pode dizer, pois que o mundo romanesco ali representado coloca diante de nós episódios, indagações, aspirações, incidentes que configuram a problemática humana não somente de uma cidade pequena, mas de todas as "provincias", de qualquer parte do mundo onde a vida se escoa na planura, na membra, vida de heróis e de fadados, sem perspectivas, sem grandes voos, onde a banalidade do cotidiano serve, incoavelmente, de alimento e de chama para manter aceso o fogo de vida que a passa.

Outro dado comum a todos esses contos é o trabalho com a palavra: trabalho minucioso, artesanal ao mesmo tempo requintado. Percebe-se que as palavras de Salim Miguel são elaboradas com um extremo cuidado: palavras de arte e de ouvidos. Linguagem ao mesmo tempo clara e ambígua, popular e erudita, linguagem que veicula várias "línguas" ressaltando os diversos segmentos sociais e que instaura, assim, o plurilinguismo nos textos de Salim Miguel. Linguagem que diz e não diz, dizendo e não dizendo, linguagem sobretudo sugestiva que exige do leitor um igual trabalho de percepção e de penetração nos meandros sutis do discurso de Salim Miguel.

No primeiro conto — "O gramolone" — verificamos os efeitos insistentes do jogo temporal ali representado com muito engenho e arte: o som, elemento detonador da história, põe a toda essa narrativa. Mas, este som emerge de um aparelho sofisticado e de um tempo presente que evoca e é ao mesmo tempo um gramolone (passado): "A música prossegue, me pergunto, não sei mas se ela vem do sofisticado aparelho que mal divise da minha meio-cegueira ou se a recupero de um mundo extinto" (19).

É essa ambiguidade que passa todos os elementos estruturais do conto: Biguaçu e Biguaçu mas é também o Líbano. O mundo do conto de Biguaçu é invadido pelas terras distantes do Líbano (e o som, a música como que jogam o passado no presente): "Deixo-me agora, 60 anos passados, me levar pelo som, pela música, ela me traz de volta os meus 18 anos, aquele viver pobre, solto, selvagem." (20/21).

No presente, fala-se na 2ª guerra mundial; mas, a morte do tenente, em 1915, convive com esta e mesmo a "neutraliza". O passado mistura-se ao presente, confunde-se com este, submerge e se apresenta. "Ontem era seu João Dedinho, delegado-ajudante, que chega, entra e me fala da guerra — que guerra? Depois é Ti Adão, o preto velho com suas histórias. Hoje e meu filho, com problemas do momento presente que não me envolvem. Um presente que não é, nele não vivo." (21).

Sento-me ao lado do que fui em 1915, o velho e o moço se observam a medo, se tateiam, se reconhecem-desconhecendo se se atraem e se repelem... Aqui donde estou, nesta cadeira que já faz parte de mim, o presente é eu, o passado se faz presente, vive e vibra." (21).

Como vemos, as relações espaço-temporais são aí minuciosamente trabalhadas: a oscilação entre presente e passado é marcada especialmente — de um lado, a cadeira de Biguaçu e de outro, o Líbano. Os índices do tempo se revelam em um espaço reduzido (a cadeira) e este é percebido em função do tempo.

Enquanto fala a aranha prossegue em sua faina, tece, trama, vai, vem, manipula, envolve em sua teia a mosca que vultosa querendo fugir ficar." (22).

Salim Miguel

A MORTE DO TENENTE E OUTRAS MORTES

O narrador extra e heterodiegético quase não cede o discurso aos personagens: ele se limita a representar suas ações e suas palavras, mas, essa representação é de tal forma substancial que se ouve ressoar, inevitavelmente, junto com a fala do narrador, palavras "estruturais", ou seja, das próprias personagens:

"Indeciso ele treme, não sabe que atitude tomar, vai pedir que a mão pare, pedir providências recorrentes. Que a aranha se afaste, saia. Não pede." (121).

"A prima da mãe arriava e geme. Ele quis fugir, foi rejeito, uma sílica." (123).

Um resfolegar surdo o atinge, um bafo quente o envolve. A aranha tece sempre mais, amplia sua rede como um jogo crepante e que abarca tudo aumentando não sabe como nem porque." (121).

Em "Outubro, 1930" a narrativa vai sendo construída gradativamente, em planos sucessivos, através da evocação de coisas vistas e imaginadas pela criança que lora testemunha (perplexa) da resistência, em Biguaçu, de episódios da Revolução de 30. Revolução e contato com a morte são fenômenos que lhe causaram igual estranheza.

Entretanto, o resultado estético desse conto reside no jogo da fala narrativa.

Agora a mulher ri-lha os dentes, geme, gana, espuma, palavras ininteligíveis chegam até ele, excusa alguma coisa parecia com uuuu, vem, amor, ai, aaai, mais, assim..." (124).

mas, semanticamente, ou vimos ressoar bem alto a fala da personagem. A fala do narrador e da personagem se interpretam de tal forma, que é quase impossível separar uma de outra. E aí temos uma narração na terceira pessoa, apenas aparentemente pois se na verdade substituímos o ele por eu (vejam exemplos acima) não haverá a menor alteração no significado da trama narrativa. E neste caso, segundo Benveniste, temos um primeiro pessoa, um eu que se mascara em ele, através de outro eu dele. É a ambiguidade de um ele que eu e vice-versa, representa a perplexidade de mesmo em face de acontecimentos que lhe parecem insólitos. Sua perplexidade é acrescida ainda por outra

filas — da coletividade de Biguaçu, fragmentos de frases, afirmações desencontradas que lhe ficaram na memória:

"em mais gente por aí pra cá a mortandade é grande bobagem bamba perdida que perdida, queriam doar a morte, melhores tempos derrubada das oligarquias cadáver na praia de São Miguel sobras pra gente que não temos nada me diga qual a importância de Biguaçu" (134/35).

Entretanto, no que diz respeito à fala narrativa, especificamente, a escolha das palavras, sua precisão e elegância aderem e entrecruzam, sem dúvida alguma, a tessitura narrativa desse conto.

Notas explicativas:

1. — A voz submersa, romance recém-publicado pela Global Editora, São Paulo, 1984.

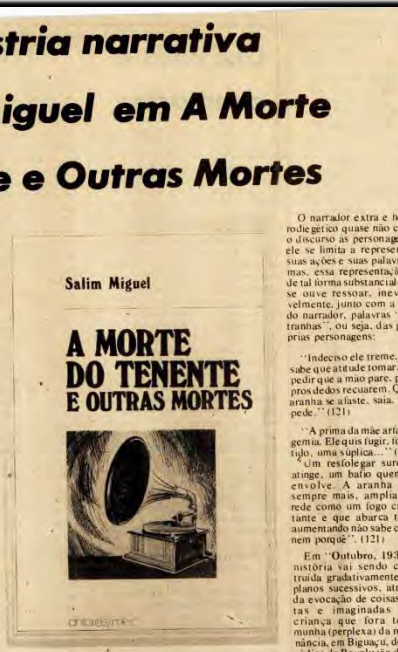
2. — Inteligentemente, por uma questão de espaço, deixaremos de tratar de outros contos igualmente representativos, como por exemplo: "Cria-Boa", "O silêncio escuro".

3. — Resumão.

4. — Palavras de Salim Miguel em entrevista concedida a Raul Caldas Filho, publicada no Jornal "O ESTADO" — Florianópolis, 1973.

5. — Benveniste, Emile. Problemas de Linguística geral. I. Paris, Editions Gallimard, 1966.

Edda Arzúa Ferreira — doutora em Teoria Literária pela USP — professora da UFSCar



10 - Silêncio quebrado

JOSÉ, Elias. Silêncio quebrado. **Jornal do Brasil**. [Rio de Janeiro], 14 abr.1979. Livros.

SILÊNCIO QUEBRADO

Elias José

A Morte do Tenente e Outras Mortes, de Salim Miguel. Accurat, 1978, Rio, 152 pp., Cr\$ 45.

DEPOIS de um silêncio prolongado, Salim Miguel lança *A Morte do Tenente e Outras Mortes*, livro de contos que comprova a validade do seu trabalho lento, caprichoso e definitivo. Tudo parece medido, controlado para não haver excessos, reescrito com insatisfação. A narrativa é sempre segura e prende a gente pelos detalhes significativos, pelo controle que o narrador tem sobre os fatos, personagens e ambientes. "Não basta que tenhamos o que contar: é preciso saber contar" — diz Salim Miguel, em uma entrevista citada por Fausto Cunha no ótimo prefácio crítico. Após a leitura dos 11 contos que compõem o volume, fica-nos a certeza de que Salim Miguel tinha o que contar e sabia bem como. Soube equilibrar conteúdo e forma de tal maneira que aparecem como algo indivisível.

"Pintura é recriação, é invenção, é interpretação e reinterpretação de acordo com a sensibilidade e personalidade do artista, suas paixões e idiossincrasias, é deformação, é: como ele vê, como ele vê e sente" — são palavras de um longo monólogo surrealista (no conto *Gato, Gato, Atoz*) que serviriam para interpretar também o processo criador (recriador) da literatura de Salim Miguel. Por exemplo, o espaço constante em todos os contos é Biguaçu, cidade que existe no interior de Santa Catarina, mas que não aparece como cópia, fotografia, mas misticamente recriada em termos literários. Da Biguaçu verdadeira, provavelmente foram tiradas as lembranças, as personagens, as situações, o que marcou o artista. Coube a ele contá-lo, o poder encantatório de fixar o visto de modo mais sensível e poético, de fazer de Biguaçu terra dele mesmo e de cada leitor. Mesmo que cada personagem do livro seja real, retirada do meio, da família e conhecidos do Autor, a dimensão literária, através da função poética da linguagem, deu a eles o toque mágico que só a poesia, a ficção e a lenta podem dar.

Não só a cidade de Biguaçu permanece em vários contos, também as personagens transi-

tam em diferentes textos, em primeiros ou em planos secundários, como se todos os contos juntos formassem um romance desmontável. Salim Miguel não aproveita apenas técnicas de romance. Como conhecedor de cinema, ele soube explorar elementos cinematográficos, tanto na visualização possível e constante, como no cromatismo, na maneira de jogar os planos narrativos sucessivos, ou nos cortes temporais, ou espaciais. Cada cena acaba ficando muito viva e dinâmica mesmo que tenha um tratamento psicológico predominando. Um acontecimento simples é apanhado em sua totalidade e vai crescendo em detalhes e interligações que podem chocar ou comover, de acordo com o lirismo comedido ou com a violência dissimulada.

Outros contrastes aparecem num jogo antitético, como se houvesse entre os contos um diálogo intertextual. Tanto pode ser material de ficção de um menino descobrindo a vida através do sexo (*A Aranha*), como duas velhinhas (*As Queri-*

das Velhinhas) se fechando para o mundo até a morte chegar. A vida pode pulsar intensa (através de odores, sons e cores) como a morte insípida pode imperar. Tanto poderá ser usado o discurso de um narrador não personagem, em terceira pessoa, com a técnica do afastamento, como o discurso vivo das personagens, em longos monólogos ou em diálogos. Em alguns textos, há secura, economia verbal; em outros, apesar de bem usada, a adjetivação não é controlada e acompanha a afetividade do narrador. Em vários contos, o período curto e sincopado descreve uma marca do personagem ou ambiente ou narra uma ação dinâmica; em outros, os períodos se alongam, segundo o fluxo do pensamento do monologante. Há contos num só bloco, bastante compacto, não permitindo um afastamento da narrativa; outros exploram os espaços em branco, indicadores de mudanças de plano, ou chegam a funcionar como capítulos numerados. Essas marcas diferentes servem para comprovar o contista inquieto, que sabe das aberturas que o conto oferece para o verdadeiro narrador como ele.

Elias José, contista e romancista, lançou *Literatura Brasileira na Perspectiva da Filosofia de Guassoni*, Milão.

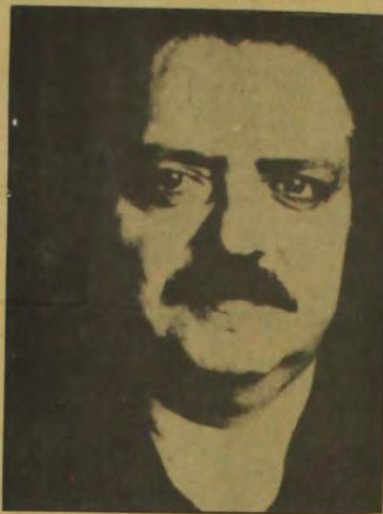


SALIM MIGUEL

11 - SALIM Miguel e "A Morte do Tenente e outras mortes".

SALIM Miguel e "A Morte do Tenente e outras mortes". **Jornal de Santa Catarina**. Florianópolis, 20 abr.1979. p. 12.

Salim Miguel e "A Morte do Tenente e Outras Mortes"



jovens, cria (1948) um movimento cultural que ficou conhecido como "Grupo SUL" - revista, editora, teatro, artes plásticas, clubes de cinema, cinema. A busca que empreendem e a procura de afirmação num ambiente acabado tem muito de inquietação mundial do pós-guerra. Seus trabalhos de ficção e crítica aparecem em jornais e revistas de todo o País; participou das antologias Pinheirais e Marinhas (São Paulo, Editora Cultrix); Antologia do Novo Conto Brasileiro (organizado por Esdras do Nascimento, Rio de Janeiro, Editora Júpiter); Panorama do Conto Catarinense (Rio Grande do Sul, Editora Movimento); Die Admirtalsnacht (antologia do conto brasileiro publicada na Alemanha), e publicou contos e artigos em Portugal e Argentina. Reside no Rio de Janeiro desde 1965. Trabalhou na Enciclopédia Delta-Larousse, de Antonio Houaiss, como colaborador, redigindo verbetes sobre literatura. É jornalista profissional; redator da Agência Nacional; ex-redator da revista Tendência (Bloch Editores); é um dos editores da revista de contos Ficção. Tem prontos para publicação um romance e uma peça teatral em três atos. Em "A MORTE DO TENENTE E OUTRAS MORTES", as histórias, embora possam ser lidas independentemente, se interligam e fundem, personagens e situações indo e vindo, principais ou secundários, todos envolvidos na comunidade de Biguaçu, mítica e real.

Salim Miguel

A MORTE DO TENENTE E OUTRAS MORTES



SALIM MIGUEL, nascido em 1924, criou-se no interior do Estado, em zonas de colonização alemã e açoriana. Esta última, à qual se soma a sua condição de líbano-biguaçuense, tem profunda influência na sua formação e fazer literário. Ali, com outros

DO MESMO AUTOR

FICÇÃO: Velhice e Outros Contos (contos); Alguma Gente (histórias); Rede (romance); O Primeiro Gosto (contos).

ANTOLOGIAS: A Ponte; Contistas Novos de Santa Catarina: Centenário de Cruz e Souza e Assim Escrevem os Cariocas.

CINEMA: O Preço da Ilusão; O Caminho Certo; Santa Catarina; A Cartomante e Fogo Morto.

12 - Sobre a morte do tenente e outras mortes

COUTINHO, Edilberto. Sobre a morte do tenente e outras mortes. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 28 abr.1979.p. 4.

Sobre “A Morte do Tenente e Outras Mortes”, de Salim Miguel

Edilberto Coutinho

SALIM Miguel é um trabalhador consciente da palavra. Nos contos, a seu modo expressionistas, que formam a coletânea “A Morte do Tenente e Outras Mortes”, o autor se mostra em pleno domínio de seus instrumentos, com um conhecimento de *métier* que deve servir de exemplo para muitos jovens que, hoje, se lançam à aventura das estantes sem a preocupação de aprender que o trabalho literário é realmente trabalho.

O ficcionista situa e denomina seu mundo. Biguaçu pode não existir nos Atlas convencionais, mas existe e se impõe no mapa literário. É neste território (não menos verdadeiro, porque verossímil) que se desenrolam as histórias de “A Morte do Tenente e Outras Mortes”. Salim Miguel faz circular personagens de um conto a outro, como figuras principais ou secundárias de um ou mais dos episódios, que sustentam a estrutura narrativa desta antologia de notável unidade estilística, técnica e temática. Não se pense aqui em unidade como sinônimo de uniformidade monótona. Há um sopro de vida que atravessa todo o livro. Somente ao largá-lo, na última página, o leitor pára. Então, pensa e volta. A primeira leitura foi, por assim dizer, “inocente”. O leitor volta, agora, melhor

informado sobre Biguaçu e sua gente, para uma segunda tomada, em que pode melhor apreciar as intenções e sutilezas do autor, só aparentemente “fácil”. Um dos talentos de Salim Miguel, com efeito, é saber proporcionar diferentes níveis de leitura. Sob este aspecto, “A Morte do Tenente e Outras Mortes” torna-se livro indicado para estudo em aulas de literatura moderna. Claro que não se trata de texto ostensivamente ou limitadamente didático. Contudo, tem razão Fausto Cunha (prefaciador) quando recomenda em especial um conto deste livro — “Outubro, 1930” como bom ponto de partida para se estudar, em Salim Miguel, e por extensão no conto brasileiro moderno, a diferença entre argumento, enredo (*plot*) e história (*story*), entre descrição e cena, entre episódio e incidente, à luz de conceitos oferecidos por uma tradição crítica em que se inserem E. M. Forster, Percy Lubbock, Virginia Woolf, Phyllis Bentley.

Em “A Morte do Tenente e Outras Mortes”, Salim Miguel se mostra um autor preocupado em arrancar as máscaras que a gente usa no dia-a-dia, fazendo revelações e colocando interrogações que tornam os habitantes de Biguaçu de uma realidade pungente e quase palpável. O autor tem o gosto do detalhe cer-

teiro, que fixa, que fica, em trechos como este, por exemplo: “Os passantes — eles sim mudavam, variavam, envelheciam — as viam à janela, rosto miúdo de passarinho quase colado, olhinhos vivos, debruçadas, indiferentes ou atentas ao menor rumor de um mundo que elas ignoravam, a um movimento que lhes era hostil, não-não, hostil não, o que é isso, desconhecido, estranho, que elas queriam compreender e apreender. Queriam?”

Este é o volume quarto da *Coleção Diadorim*, com que a editora Antares homenageia Guimarães Rosa. A homenagem não poderia ser mais adequada, a começar pelos nomes selecionados: Hélio Pólora, Moreira Campos, Jorge Medauar, Ricardo L. Hoffmann e Guido Wilmar Sassi — além de Salim Miguel — estão entre os seis primeiros. O livro todo merece ser lido, mas se tivesse que indicar um só dos contos de Salim Miguel, como exemplo de sua mestria narrativa, não teria dúvidas: “A Aranha”. Antológico, no melhor sentido, e que dá bem a medida do escritor como artista desta difícil arte, que é o conto. Arte que, em Salim Miguel, não é de miniatura, mas de concentração. Enfim, louve-se neste livro o escritor maduro, capaz de oferecer um dos melhores momentos do conto brasileiro atual.

13 - Center Book, Búnel-uma tragédia amazônica, o menino e o velho e a morte do tenente e outras mortes

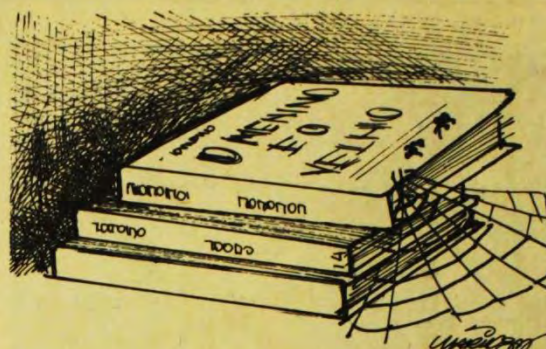
ORTÊNCIO, Bariani. Center Book, Búnel-uma tragédia amazônica, o menino e o velho e a morte do tenente e outras mortes. **Diário da manhã**. Goiânia, 26 nov.1982. Página aberta.

CENTER BOOK, BÚNEL - UMA TRAGÉDIA AMAZÔNICA, O MENINO E O VELHO e A MORTE DO TENENTE E OUTRAS MORTES

"Quem sou eu, primo!" Assim diz o primo pobre ao primo rico do **Balança Mas Não Cai**. Assim também diz o livro nacional, principalmente o do interior, para o **best-seller**, o importado e quase sempre mal traduzido. O comércio e a indústria nacionais se queixam da concorrência desonesta das multinacionais. O mesmo acontece com o livro. Uma coisa e outra são vítimas dos desinteresses governamentais. Os governos são burros? Não, onde já se viu brasileiro burro? O caso é um novelo emaranhado de linha fina, com nós que não acabam mais e sem jeito de achar a ponta e... se achar, detem-se nos nós. Sempre achei que os melhores livros são os que ficam nas gavetas, que não têm oportunidades de publicações. Os **best-sellers** traduzidos ocupam os principais lugares nas paradas. Deveriam ser os melhores, mas muitos são apenas mais bem trabalhados, divulgados, o que não acontece com o livro nacional. Há tempos tivemos aqui em minha residência uma reunião presidida por Antônio Olinto para fundar no Brasil uma Central Distribuidora de Livros, nos moldes da Center Book, de Londres. Assim os originais seriam examinados por peritos, tanto o valor literário como a parte comercial, que livro é uma mercadoria como uma outra qualquer, precisa ser vendida e com lucro, pois a Editora é também uma empresa que necessita ser mantida sem ser subsidiada ou escorada por empréstimos de juros proibitivos, como é atualmente. Os originais aprovados seriam financiados, tendo como garantia a própria edição, a Central faria a distribuição e a divulgação, estes dois fantasmas mais difíceis da vida do livro. Distribuição e Divulgação precisam trabalhar juntas, pois um livro distribuído necessita ser divulgado, o leitor precisa saber que ele está nas livrarias, assim como um livro divulgado tem que ser encontrado pelo comprador.

Teríamos, então, os bons originais publicados e, os demais, financiados pelos próprios autores, como é hoje em dia, no mais das vezes, um grande desperdício de papel. A causa de bons livros publicados e despercebidos pelo público leitor é a falta da Distribuição e da Divulgação, já as referi, e também a ausência de uma crítica honesta, não compadrecida, longe do **ping-pong**, e amplamente divulgada, que caberia à Central.

Estão no caso os ótimos livros despercebidos **BUNEL-UMA TRAGÉDIA AMAZÔNICA**, de Leone Porto (goiano), **O MENINO E O VELHO**, de Manoel de Castro Carneiro (cearense) e **A MORTE DO TENENTE E OUTRAS MORTES**, de Salim Miguel (catarinense). Leone Porto é um goiano há muito radicado no Amazonas. O seu livro é palpitante, a gente pega e não quer parar de ler, cujo tema



é a queda de um avião na selva amazônica e sua busca e resgate. O autor é velho piloto dos céus daquele mar verde de folhas, que encobre um outro mar, o de água doce. Ai o leitor aprende tudo sobre navegação aérea, fauna e flora, usos e costumes daquele povo teimoso e heróico, o amazonense, ensinado numa narrativa sem ser didática. É um livro que distrai, educa, instrui e que todo brasileiro deveria ler. Se alguém se interessar poderá pedi-lo para a União Brasileira de Escritores — Seção do Amazonas, ao seu presidente, Jayme Pereira, Avenida 7 de Setembro, 857, sala 4 (altos da Seta) — Manaus.

O MENINO E O VELHO é um livro despretensioso, pois o autor, encarregado da distribuição, deixou-o apenas, entre parentes e amigos. A temática e os personagens são da Fazenda Pau Caido, em Santana do Acaraú, Ceará. O ambiente e os personagens são descritos por um quase mestre, o fabuloso Manoel de Castro Carneiro, que eu gostaria de conhecer. Este livro, sem o último capítulo **Minha Opinião**, que é uma explicação desnecessária do autor, bem divulgado e distribuído, daria um **best-seller** nacional e, se traduzido, seria bem recebido lá fora, que Pau Caido existe no mundo todo. O que valeu foi o tratamento literário, a movimentação dos personagens, o desenvolvimento da temática. É um livro de contos, antes um romance desmontável, como **Vidas Secas**, de Graciliano Ramos, onde os bons contos **A Fazenda**, **O Velho**, **O Menino**, **Das Dores**, **Chico Bento**, **O Açude**, **Seresta** e **Forró**, seriam os capítulos, pois os personagens têm trânsito livre por todos eles. A edição é da Editora Pannartz, de São Paulo, Rua Almeida Torres, 119 — Aclimação. Como vêem, o livro é de uma editora paulista, mas duvido que se o encontre em nossas livrarias.

A MORTE DO TENENTE E OUTRAS MORTES, de Salim Miguel, é o mais literário dos três. Salim Miguel é escritor seguro, atualizado, maduro, renomado. Este livro é também um romance desmontável, embora seja de contos, como **O MENINO E O VELHO**. O ambiente é Biguaçu, Santa Catarina, e a temática é universal. Desde o primeiro conto, **O Gramofone**, o autor deixa o seu cartão de visita. É de fato um Escritor. Desenvolve o tema do absurdo, do fantástico, tão em moda agora com García Márquez, dos **Cem Anos de Solidão**, e José Jacinto Veiga, da **Máquina Extraviada** e **A Hora dos Ruminantes**. Conduz perfeitamente o tema, as imagens e seus pseudo-personagens no cenário emaranhado da imaginação. Um **Bom Negócio**, problema social, é a luta desigual do pescador para colocar o seu produto no mercado, que tanto poderia ser o pescador como um outro profissional qualquer, tudo dentro da realidade nua, cruel e desesperadora. **O Silêncio Escuro**, trabalho engenhoso de profundo sentido psicológico. **As Queridas Velhinhas**, pequena obra-prima. O autor usa a técnica da inversão, o começo pelo fim, a mesma usada por Truman Capote em **A Sangue Frio**, técnica usada que consegue manter o leitor pela habilidade do autor, que é criativo, retratista sem retoque e subjetivo, no caso. A obra é atualizada na temática e dentro dos moldes da literatura modernista. É heterogênea, não cansa o leitor.

Apesar de ser uma coedição Antares/Mec, não é encontrado nas livrarias daqui. O endereço da Antares é rua Visconde de Pirajá, 82 — Sala 304 — Ipanema — CEP 22.410 — Rio de Janeiro. MACKTUB! como diria o Salim.

14 – O contista Salim Miguel.

COUTINHO, Edilberto. O contista Salim Miguel. **Correio das Artes**. João Pessoa, 29 abr.1979.p.3.

O Contista Salim Miguel

EDILBERTO COUTINHO

Salim Miguel é um trabalhador consciente da palavra. Nos contos, a seu modo expressionistas, que formam a coletânea A Morte do Tenente e Outras Mortes, o autor se mostra em pleno domínio de seus instrumentos, com um conhecimento de métier que deve servir de exemplo para muitos jovens que hoje, se lançam à aventura das estantes sem a preocupação de prender que o trabalho literário é realmente trabalho.

O ficcionista situa e denomina seu mundo. Biguaçu pode não existir nos Atlas convencionais, mas existe e se impõe no mapa literário. É neste território (não menos verdadeiro, porque verossínuel) que se desenrolam as histórias de "A Morte do Tenente e Outras Mortes". Salim Miguel faz circular personagens de um conto a outro, como figuras principais ou secundárias de um ou mais dos episódios, que sustentam a estrutura narrativa desta antologia de notável unidade estilística, técnica e temática. Não se pense aqui em unidade como sinônimo de uniformidade monótona. Há um sopro de vida que atravessa todo o livro. Somente ao lê-lo, na última página, o leitor pára. Então, pensa e volta. A primeira leitura, foi, por assim dizer, "inocente". O leitor volta, agora melhor informado sobre Biguaçu e sua gente, para uma segunda tomada em que pode melhor apreciar as intenções e sutilezas do autor, só aparentemente "fácil". Um dos talentos de Salim Miguel, com efeito, é saber proporcionar diferentes níveis de leitura. Sob este aspecto, "A Morte do Tenente e Outras Mortes" torna-se livro indicado para estudo em aulas de literatura moderna. Claro que não se trata de texto ostensivamente ou limitadamente didático. Contudo, tem razão Fausto Cunha (prefaciador) quando recomenda em especial um conto deste livro - "Outubro, 1930" - como um bom ponto de partida para se estudar, em Salim Miguel, e por extensão no conto brasileiro moderno, a diferença entre argumento, enredo (plot) e história (story), entre descrição e cena, entre episódio e incidente, à luz de conceitos oferecidos por uma tradição crítica em que se insere E. M. Forster, Percy Lubbock, Virginia Woolf, Phyllis Bentley.

Em A Morte do Tenente e Outras Mortes, Salim Miguel se mostra um autor preocupado em arrancar as máscaras que a gente usa no dia-a-dia, fazendo revelações e colocando interrogações que tornam os habitantes de Biguaçu de uma realidade pungente e quase palpável. O autor tem o gosto do detalhe certo, que fixa, que fica, em trechos como este, por exemplo: "Os passantes - eles sim mudavam, variavam, envelheciam - as viam à janela, rosto miúdo de passarinho quase colado, olhos vivos, debruçadas, indiferentes ou atentas ao menor rumor de um mundo que elas ignoravam, a um movimento que lhes era hostil, não-não, hostil não, o que é isso, desconhecido, estranho que elas queriam compreender e apreender. Queriam?"

Este é o volume quarto da Coleção Diadorim, com que a editora Antares homenageia Guimarães Rosa. A homenagem não poderia ser mais adequada, a começar pelos nomes selecionados: Hélio Pólora, Moreira Campos, Jorge Medauar, Ricardo L. Hoffmann e Guido Wilmar Sassi - além de Salim Miguel - estão entre os seis primeiros. O livro todo merece ser lido, mas se tivesse que indicar um só dos contos de Salim Miguel, como exemplo de sua mestria narrativa, não teria dúvidas: "A Aranha". Antológico, no melhor sentido, e que dá bem a medida do escritor como artista desta difícil arte, que é o conto. Arte que, em Salim Miguel, não é de miniatura, mas de concentração. Enfim, louve-se neste livro o escritor maduro, capaz de oferecer um dos melhores momentos do conto brasileiro atual.

15 – Salim entrega o ouro guardado no depósito.

CUNHA, Fausto. Salim entrega o ouro guardado no depósito. **Status**. [S.l.], maio 1979.p.56.

Salim entrega o ouro guardado no depósito

Meu destaque para este mês é o livro de contos de Salim Miguel, *A Morte do Tenente e Outras Mortes*, lançamento da Antares, do Rio. Falando a esta coluna, diz ele: “Escrever, para mim, é um ato compulsivo, uma fatalidade que eu caracterizaria com uma palavra árabe: *maktub*. Tudo começa, às vezes, com uma sensação indefinível, uma imagem fugidia, uma palavra entreouvida. Ela aciona um mecanismo interior, um depósito do que tenho acumulado no decorrer dos anos, e de onde vou ex-



Salim Miguel: “Escrever, para mim, é um ato compulsivo”...

traindo os elementos para a minha ficção”.

Sobre o novo livro, o autor de *A Morte do Tenente* define a proposta geral dos contos: “Há, na maioria dos contos, uma intencional quebra da linearidade cronológica e uma alternância de planos presente/passado/futuro. A busca insistente de um mundo perdido da província, com seus valores e defeitos. Situações e personagens vão e vêm, pulando de uma história para outra”.

É, conclui, um mundo de sons persistentes, de cheiros asfixiantes, de cores, o passado reconstituído a partir da visão de uma criança, tipos “que aparecem e desaparecem, como na vida”. “Um clima específico para cada enfoque. E uma luta constante com a palavra, no sentido de domá-la, o que não sei se é um bem ou um mal.”

16 – A morte do tenente e outras mortes”, de Salim Miguel.

COUTINHO, Edilberto. Sobre “A morte do tenente e outras mortes”, de Salim Miguel. **Jornal de Santa Catarina**. Florianópolis, 14 maio 1979.

Sobre “A Morte do Tenente e Outras Mortes”, de Salim Miguel

Edilberto Coutinho

Salim Miguel é um trabalhador consciente da palavra. Nos contos, a seu modo expressionistas, que formam a coletânea “A Morte do Tenente e Outras Mortes”, o autor se mostra em pleno domínio de seus instrumentos, com um conhecimento de métier que deve servir de exemplo para muitos jovens que, hoje, se lançam à aventura das estantes sem a preocupação de aprender que o trabalho é realmente trabalho.

O ficcionista situa e denomina seu mundo. Biguaçu pode não existir nos Atlas convencionais, mas existe e se impõe no mapa literário. E neste território (não menos verdadeiro, porque verossímil) que se desenrolam as histórias de “A Morte do Tenente e Outras Mortes”. Salim Miguel faz circular personagens de um conto a outro, como figuras principais ou secundárias de um ou mais dos episódios, que sustentam a estrutura narrativa desta antologia de notável unidade estilística, técnica e temática. Não se pense aqui em unidade como sinônimo de uniformidade monótona. Há um sopro de vida que atravessa todo o livro. Somente ao largá-lo, na última página, o leitor pára. Então, pensa e volta. A primeira leitura foi, por assim dizer, “inocente”. O leitor volta, agora, melhor informado sobre Biguaçu e sua gente, para uma segunda tomada, em que pode melhor apreciar as intenções e sutilezas do autor, só aparentemente “fácil”. Um dos talentos de Salim Miguel, com efeito, é saber proporcionar diferentes níveis de leitura. Sob este aspecto, “A Morte do Tenente e Outras Mortes” torna-se livro indicado para estudo em aulas de literatura moderna. Claro que não

se trata de texto ostensivamente ou limitadamente didático. Contudo, tem razão Fausto Cunha (prefaciador) quando recomenda em especial um conto deste livro - “Outubro, 1930” como bom ponto de partida para se estudar, em Salim Miguel, e por extensão no conto brasileiro moderno, a diferença entre argumento, enredo (plot) e história (story), entre descrição e cena, entre episódio e incidente, à luz de conceitos oferecidos por uma tradição crítica em que se inserem E.M. Forster, Percy Lubbock, Virginia Woolf, Phyllis Bentley.

Em “A Morte do Tenente e Outras Mortes”, Salim Miguel se mostra um autor preocupado em arrancar as máscaras que a gente usa no dia-a-dia, fazendo revelações e colocando interrogações que tornam os habitantes de Biguaçu de uma realidade pungente e quase palpável. O autor tem o gosto do detalhe certo, que fixa, que fica, em trechos como este, por exemplo: “Os passantes - eles sim mudavam, variavam, envelheciam - as viam à janela, rosto miúdo de passarinho quase colado, olhinhos vivos, debruçadas, indiferentes ou atentas ao menor rumor de um mundo que elas ignoravam, a um movimento que lhes era hostil, não-não, hostil não, o que é isso, desconhecido, estranho, que elas queriam compreender e aprender. Queriam?”

Este é o volume quarto da Coleção Diadorim, com que a editora Antares homenageia Guimarães Rosa. A homenagem não poderia ser mais adequada, a começar pelos nomes selecionados: Hélio Pólvora, Moreira Campos, Jorge Medauar, Ricardo L. Hoffmann e Guido Wilmar Sassi - além de Salim Miguel - estão entre os seis primeiros. O livro todo merece ser lido, mas se tivesse que indicar um só dos contos de Salim Miguel, como exemplo de sua mestria narrativa, não teria dúvidas: “A Aranha”. Antológico, no melhor sentido e que dá bem a medida do escritor como artista desta difícil arte, que é o conto. Arte que, em Salim Miguel, não é de miniatura, de concentração. Enfim, louve-se neste livro o escritor maduro, capaz de oferecer um dos melhores momentos do conto brasileiro atual.



Salim Miguel

17 – Biguaçu: o realismo mágico de um burgo dos sonhos

FLEURY, Roberto. Biguaçu: o realismo mágico de um burgo dos sonhos. **O Popular**. Goiânia, 10 nov.1982. Suplemento Cultural.

10/11/82

Biguaçu: o realismo mágico de um burgo dos sonhos

Roberto Fleury

Biguaçu é uma cidade como outra qualquer. O que a diferencia das demais é por se tornar uma aldeia mágica, um paraíso perdido, estuante de vida na imaginação do autor.

Procurando impor nos seus contos este realismo mágico que o caracteriza como um dos mais promissores escritores da moderna ficção brasileira, Salim Miguel desfila seus personagens em **A Morte do Tenente e Outras mortes**, criando um clima paralelo ao real-fantástico de José J. Veiga, carregado do automatismo de um cotidiano angustiante, em que se nota uma preocupação que vai até o extremo, pela velhice e pela morte, talvez mais pela morte do que pela velhice, um cotidiano, aliás, que ele observa e grava meticulosamente. Talvez porque, segundo ele, "a função do conto seja exatamente a de sacudir as pessoas, tirá-las da letargia, fazê-las pensar. Minhas criações são o resultado de minhas vivências, do que aprendi e pude observar nesse imenso Brasil do interior".

Na verdade, ninguém lê os contos de Salim Miguel sem se inquietar. **A Morte do Tenente e Outras Mortes** colocará o leitor diante de uma atmosfera real, quase irreal, profundamente identificada com nossos atos e pensamentos, costumes e tradições. Tudo dentro de uma linguagem em que há força vital, de mistério, onde se nota, como se disse de começo, uma obsessão quase cruel pela velhice e pela morte, de um escritor que já se definiu por si mesmo, domina os meandros nada fáceis da literatura e caminha a passos largos a uma autoafirmação sem mais a necessidade de uma auto-punição.

As vezes a narrativa vem carregada de apreensão: "de repente, o grito. Agudo. A voz se alteia, paira, pára no ar. O grito me repercute nos ouvidos, fere-me os tímpanos. Envolta em panos e gemidos, a mulher surge. Suas inúmeras mãos imploram (O Gramofone)".

Na maioria das vezes o texto vem marcado por sua principal virtude, o terror pela morte: "o bruxulear das velas joga sombras dançantes sobre os rostinhos de pássaro, que parecem reviver e fremem. Por um tucoaz instantâneo, se transmutam, res-

surgem neles as jovens, com suas tranças louras, a pele fina e acetinada, os olhos cintilantes. A miragem some. Pessoas quietas e solenes entram, passam, observam os dois rostos se possível agora mais idênticos ainda, fixam-se nas mãos cruzadas e diáfanas, se detêm uns instantes a admirar a roupa cheirando a mofo e naftalina, caminham, procuram um lugar, sentam. (As Queridas Velhinhas).

Salim nos disse que um dos temas que mais o atormentam é a miséria humana, o lado negro da vida, as contradições do gênero humano. E esta inquietação está presente num clima de denúncia na maioria de seus trabalhos, como no excelente conto "Outubro, 1930".

Biguaçu é o reino onde se desenrolam as tramas deste escritor, e de onde ele retirou suas histórias carregadas de mistério, entre o verossímil e o inverossímil, para subtrair de lembranças infinitas, um misto de dor e sofrimento. No conto "O Gramofone", por exemplo, na obstinação do menino correndo pela noite em busca de um médico, como num pesadelo Kaskiano, o autor demonstra conhecer perfeitamente a vida da roça e com tal conhecimento faz uma estória de cunho universal. Também neste conto, como no conto "As Queridas Velhinhas", as virtudes do autor e suas características estão vivas: terror diante dos mistérios da vida, emoção derivada do místico e do religioso ou do sagrado, levando o autor a narrativas surpreendentes.

Escritor, jornalista profissional, crítico literário, argumentista e roteirista de cinema, o autor de **A Morte do Tenente e Outras Mortes** — e que já nos deu também o excelente **Velhice e Outros Contos**, foi um dos organizadores do Concurso Nacional de Poesias Cruz e Souza e um dos editores da revista FICÇÃO, do Rio de Janeiro. Reside atualmente em Santa Catarina.

O criador de Biguaçu e de seu reino mágico deverá em breve confirmar as qualidades de escritor que na realidade são muito maiores, e revelar ao mundo letrado de Santa Catarina e do Brasil, o que há de mais criativo no moderno conto brasileiro.

18 – Depois de cinco anos, Salim Miguel com nova coletânea de contos

MENEZES, Carlos. Depois de cinco anos, Salim Miguel com nova coletânea de contos. **O Globo**. Rio de Janeiro, 23 maio 1979. Livros.

Depois de cinco anos, Salim Miguel volta com nova coletânea de contos

A Editora Antares, depois de se ter iniciado com o lançamento de importantes reedições (*Noites vivas*, de Helio Polvora, *Contos escolhidos*, de Moreira Campos, *O incêndio*, de Jorge Medauar, *São Miguel*, de Guido Wilmar Sassi), acaba de editar um texto inédito: *A morte do tenente e outras mortes*, coletânea de contos (onze), de Salim Miguel.

Salim Miguel, embora libanês de nascimento (1924), é um dos mais importantes escritores de Santa Catarina, onde se fixou ainda criança, passando a infância e a mocidade em contato com zonas de colonização alemã e açoriana da região de Biguaçu, na Grande Florianópolis.

Em nota introdutória, em crítica a este *A morte do tenente e outras mortes*, lembra Fausto Cunha:

"Entre os grupos que na década de 50 partiram para uma ficção nova e particularmente para um conto novo, está *Sul*, formado em Florianópolis, e que teve como um dos seus principais integrantes o contista Salim Miguel. Mais que integrante: foi um fundador, um animador, um mentor, aberto à literatura, ao cinema, ao teatro e às artes plásticas. *Sul*, como *Joaquim*, e *Clá*, e *Revista Branca*, e *Orfeu*, e *Tentativa*, fez história".

Tendo participação em numerosas coletâneas, nacionais e estrangeiras, Salim Miguel se estreou em livro com *Velhice e*

outros contos, em 1951, a que se seguiram: *Alguma gente*, contos, 1953; *Rede*, romance, 1955; *Contistas novos de Santa Catarina*, em colaboração com Oswaldo F. de Melo Filho, 1954, *Centenário de Cruz e Souza*, interpretações, organização e notas, 1962, *O primeiro gosto*, contos, 1973.

Em recente-entrevista, disse Salim Miguel:

— O que mais me atrai, como escritor, é a pesquisa. Sou um eterno insatisfeito. E muito me orgulho disto. Por isso mesmo acredito que dificilmente deixarei uma obra acabada. Aliás, odeio o que se intitula acabado. Acabado é morto.

Ao que comenta Fausto Cunha:

"Não sei se os contos de 'A morte do tenente e outras mortes' ainda o descontentam. O que sei é que nenhum leitor dirá a mesma coisa. Como experiência literária, é um livro (bem) acabado e vivo."

Jornalista (depois de quase 15 anos de atividades na imprensa carioca, acaba de voltar para Florianópolis, onde não abandonou a profissão), Salim Miguel dedicou-se também ao cinema. Além de dirigir alguns documentários, participou do primeiro longa-metragem realizado em Santa Catarina, "O preço da ilusão", cujo argumento foi escrito por ele e por sua mulher, a também escritora tradutora, crítica literária e jornalista Eglê Malheiros.

AS MUITO RAPIDAS — Meu tio Atahualpa, de Paulo de Carvalho Neto, há muito tempo nas listas de mais vendidos, está voltando em nova edição, sempre sob a chancela da Salamandra. *** Lenyra Fraccaroli, presidente da Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil vai ser homenageada, hoje, na casa de Vovô Felício, — o escritor Vicente Guimarães — (na Avenida Rui Barbosa), com a presença dos membros cariocas da entidade. Na oportunidade será lançado o selo comemorativo do Ano Internacional da Criança, cujo tema é o personagem de literatura infantil "João Bolinha". *** A José Olymio lançará, em junho, o sexto romance de Geraldo França de Lima, *A pedra e a pluma*, e logo a seguir, a terceira edição de *Branca bela* e de *O nó cego*, daquele ficcionista mineiro. *** Julio Cesar Monteiro Martins, o curimin da nossa ficção (*Torpalium*, *Sabe quem dançou?* e *Artérias e becos*) em agosto irá para Iowa, EUA, participar do International Writing Program, por indicação de Edilberto Coutinho, que lá esteve até há pouco tempo. No próximo ano irá Lygia Fagundes Telles que, também indicada pelo autor de "O negro vai à forra", por motivos particulares, somente então poderá ausentar-se do Brasil.

Lançamento & Autógrafos — Hoje, na Livraria Muro (Visconde de Pirajá 82), Moniz Bandeira autografa, a partir das 20h, *Brizola e o trabalhismo*, edição da *Civilização Brasileira*. *** Hoje também, em São Paulo, na Livraria Forense, lançamento de *O capital estrangeiro no sistema jurídico brasileiro*, de Attila de Souza Leão Andrade Junior, a partir das 18h; Rua Senador Paulo Egidio 72 sobreloja). *** Amanhã, em São Paulo, na Livraria Teixeira, lançamento coletivo de editados da Catedra: Astrid Cabral (

Ponto-de-vista); Fausto Cunha (*A leitura aberta*); Fernando Sales (*Sol na estrada*); Henrique L. Alves (*Bibliografia afro-brasileira*); Manoel Caetano Bandeira de Melo (*Durante o canto*); Moacir C. Lopes (*A situação do escritor e o livro no Brasil*); e Walter Benevides (*Visitas de médico*). *** Também amanhã, aqui no Rio, no Shopping Center da Gávea (Marquês de São Vicente, lançamento coletivo de editados da Avenir: Helio Silva (*A noite da agonia*), Mário Lago (*Reminiscência do sol quadrado*), Antonio Houaiss (*A defesa*) e Cardeal Arns, D. Paulo Evaristo (*Em favor do homem*).

19 – A morte do tenente e outras mortes

MELLO, Maria Amélia. A morte do tenente e outras mortes. **O Popular**.
Goiânia, 23 maio 1980. Suplemento Cultural.

A Morte do Tenente e Outras Mortes,

Salim Miguel. Edições Antares/MEC,
153 pág. Cr\$ 45,00.

MARIA AMÉLIA MELLO

Nas livrarias, **A Morte do Tenente e Outras Mortes**, volume de contos do Salim Miguel que, após lançar quatro livros por editoras regionais, sai agora em edição nacional. Em 1951, aos 27 anos, o jornalista Salim Miguel, ativo integrante do grupo **Sul**, movimento que reunia autores catarinenses na década de 50, estreava em Florianópolis com **Velhice e Outros Contos**. De lá para cá, não se pode dizer que tenha publicado com frequência; versátil, enveredou pelo cinema (roteiros de "A Cartomante" o "Fogo Morto") pela crítica literária e é um dos editores da revista **Ficção**. Mas, seus livros acabaram passando despercebidos da crítica e do público: o circuito de tais edições estava fora do eixo Rio-São Paulo.

A Morte do Tenente e Outras Mortes reúne onze contos bem estruturados, seguros, que demonstram a habilidade do Autor em "armar" uma (boa) estória e desenvolvê-la com cuidado artesa-

SALIM Miguel, o papa do Grupo Sul. A Notícia. Joinville, 24 maio 1981. Especial. p.22.

22 — ESPECIAL

A Notícia

Joinville, domingo, 24 de maio de 1981

Salim Miguel, o papa do Grupo Sul

O escritor Salim Miguel, ficcionista e crítico literário, publicou no ano passado "A Morte do Tenente e Outras Mortes", considerada a sua melhor obra, que teve início em 1951, com o volume "Velhice e outros contos". Catarinense que se intitula "libano-bigaçuense", em 1943 ficou pé em Florianópolis, onde fundou em 1948, com um grupo de intelectuais jovens, o movimento cultural conhecido em todo o Brasil, e que passou para a história da literatura com o nome de Grupo Sul. De 1965 a ini-

cio de 1980 viveu no Rio de Janeiro, onde colaborou nos grandes jornais, sempre na área da literatura. Participa de várias antologias como contista, e é autor de argumentos e roteiros para filme, alguns deles em colaboração com a escritora Eglê Malheiros, com quem é casado. Salim Miguel é uma espécie de papa do Grupo Sul e é ele quem diz, nesta entrevista ao jornalista Carlos de Freitas, como foi e o que significa esse movimento na literatura catarinense

P. — Salim, como era o ambiente artístico e a literatura catarinense quando começou o movimento do Grupo Sul?

SM — Costuma-se dizer que o movimento de 22, a Semana de Arte Moderna, havia pulado de São Paulo para Porto Alegre, de modo que Santa Catarina via uma nua pascuária, e não só numa apatia total, como havia também outro fator importante. Não se temia o conhecimento dos problemas brasileiros. Vivíamos uma realidade de após guerra, quando propriamente começa o movimento do Grupo Sul. Embora se marque o seu início no ano de 1948, na verdade começamos antes, fazendo um jornalismo estudantil, chamado "Folha da Juventude". Depois fizemos um datilografado com a tiragem de 4 exemplares, que circulava de mão em mão e onde pedíamos, "por favor não faça com este jornal o que se faz com os demais". Era uma brincadeira, mas uma brincadeira que vista hoje dá para verificar que eram as raízes do movimento iniciado logo após. Então, nesse período turbulento, de procura de caminhos e, como sempre acontece com o pessoal jovem, a gente se reúne em bares e cafés para discutir problemas literários, políticos e existenciais, mas chega um momento em que a gente verifica que não basta essa discussão e parte para uma coisa concreta, e, no caso, a coisa mais concreta foi pensar, definir algumas posições com referência a problemas culturais, a problemas de realidade brasileira e o que cada um de nós pretendia. Então pensamos em uma revista. Os jornais tinham, tanto o primeiro como o segundo que se chamava "Clube" e leve a circulação de 4 números, também não existia, e partimos para um plano mais ousado.

P. — Foi ali então que surgiu a Revista Sul?

SM — Sim. Levamos cerca de 3 meses discutindo o nome da publicação, o que era mais um pretexto para nos reunirmos e continuar discutindo outros assuntos. E beber.

Optamos então pelo nome Sul. Só mais tarde é que fomos saber que já existia na Argentina a revista "Sur", editada pelo poeta Victoria Ocampo, além de um romance do mesmo gaúcho Guillermo Cesar. Nessa época não conhecíamos nem o romance nem sabíamos da existência dessa revista argentina, e levávamos adiante a ideia. O primeiro número da Revista Sul, saiu em janeiro de 1984. Para tirar esse número nós fizemos dois espetáculos teatrais no Alvaro de Carvalho, com um pedaço extra de um conto de Sartre, publicado no "Muro". O título da peça era "As Estátuas Volantes". Levamos Pirandello, Bernard Shaw e outros daqui, principalmente do diretor e coordenador da parte



de teatro do grupo, que era Ody Fraga. P. — Quem compunha o Grupo Sul, nessa época?

SM — Vou tentar não esquecer de ninguém. O grupo começou na verdade com Aníbal Nunes Pires, que consideramos uma espécie de Gracá Aranha, porque era um pouco mais velho, embora essa diferença de idade de cinco ou seis anos, já não represente hoje quase nada para as novas gerações. Aníbal era formado, era professor, tinha convívio nos meios culturais do Rio. Além disso, era uma figura humana de primeira qualidade. Sua obra literária não foi realizada devido ao seu poder de comunicação e solidariedade. Ele vivia mais para os outros e para o seu trabalho como professor. Morrendo aos 28 anos, deixou apenas trabalhos esparsos que depois reunidos em um volume.

Os outros eram: Antonio Paladino, dos que deixaram de escrever, Claudio P. Vieira, e José Alves Casais. Valmor Cardoso da Silva, que hoje é professor universitário. Eglê Malheiros, Salim Miguel, Heitor Balstaedt, um pesquisador que fez um trabalho incrível sobre Cruz e Souza, até agora sem publicação. Depois foram entrando outros, mas a primeira turma que começou as atividades do teatro e da Revista Sul foram estes.

Em torno da revista — diz Salim Miguel — é que o pessoal se uniu mais e planejou realizar outras coisas. Por outro lado, verificamos que a revista só não bastava. Esboçamos então, um plano editorial, mas é preciso levar em consideração o que era Florianópolis no fim da década de 40 e início dos anos cinquenta. Para se ter uma ideia basta dizer que o primeiro número da revista foi feito em composição tipográfica manual.

Nós ajudamos a compor, lámos para a caixa de tipo e pegávamos letra por letra, como faziam os tipógrafos do passado, para compor o primeiro número da revista Sul. Já o segundo e o terceiro números foram compostos em Linotip, mas ainda em uma gráfica particular, limitadíssima. A partir do quarto número conseguimos, com Imprensa Oficial do Estado que os gráficos a compossem fora do horário de expediente. Para isso gratificávamos o pessoal da tipografia e fornecíamos o papel para impressão. Então, em torno da revista começava a se esboçar um movimento que nunca teve estatutos, nada escrito ou registrado. Nem sequer o título da publicação foi registrado, tanto que anos depois apareceu outra revista, de características muito diferentes, que se chamava Revista do Sul.

P. — O movimento chegou a ter um nome, como entidade?

SM — Sim, o movimento como um

tudo chamava-se Círculo de Arte Moderna, mas depois ficou conhecido tanto em Santa Catarina quanto no resto do Brasil como Grupo Sul. Além da revista tinhamos a editora, o clube de cinema, dois grupos de teatro, um jornal que fazia apresentações com alguma regularidade, e um grupo de teatro de pesquisa, chamado Teatro Experimental, onde levávamos peças para debates. Apresentamos "Um Taciturno" de Roger Martin Du Gard. Abordava um problema que ainda hoje causa alguma polêmica e que, na época em Florianópolis, era de escandalizar, o homossexualismo. Havia também o grupo de artes plásticas e pouco mais, diante, na metade da década de 50, realizamos o primeiro filme em longametragem feito em Santa Catarina. Esse filme se chama "O Preço da Liberdade" e foi a própria. Argumentos, atores, ambiente, direção, tudo era daqui. Só o trabalho de laboratório foi feito em São Paulo. Era um filme feito por pessoas encardidas de teoria, mas que não tinham praticamente nenhuma noção de linguagem. O argumento, que era meu e de minha mulher Eglê Malheiros, sem pagar brasa para a nossa sardinha, ainda me parece válido. Eram duas histórias em contraponto, a crônica de uma cidade pequena. Uma das histórias mostrava uma coisa típica da época, os concursos de rainha, onde meninas salam pelas ruas vendendo votos, e a outra, um grupo de garças, o que também era típico da época. Este saiu com um negócio chamado "Livro de Ouro", arrecadando dinheiro para fazer um "Boi de Mado". Arras de uma frase, de uma palavra, imagem ou sugestão, passava-se de uma história para a outra e as duas histórias se iam fundindo na seqüência final do filme. Hoje reconhecemos que não se tratava de um roteiro fácil de transformar em filme. Na realidade, vez de fazermos uma história linear, mais simples, partimos para algo que estava acima da capacidade técnica do grupo. Mas o fato é que o filme foi concluído e foi exibido. Tinha 20% de exteriores de uma Florianópolis que já não existe mais. A Fundação Catarinense de Cultura tem-se batido para conseguir uma cópia, pois embora não se trate de uma fita bem realizada, ela tem um valor documental e outros lugares onde foram filmadas a maior parte das cenas, naquele tempo eram muito, muito diferentes.

P. — A literatura que vocês faziam era semelhante aquela que se produzia no país depois da Semana de Arte Moderna?

SM — No grupo havia uma característica básica. Era um trabalho feito em conjunto, mas cada qual tinha a sua individualidade. Havia gente de todas as colorações

políticas e espirituais; mas havia unidade no "trabalho" do grupo. Os trabalhos publicitários na Sul, muitos, detendo ainda sem forma muito segura, visto hoje evidenciavam grande inquietação e a vontade de romper como marismo cultural de Santa Catarina, e tentar pela primeira vez uma intervenção. Então se a gente analisar hoje, os trinta números da revista e as 15 edições que conseguimos publicar, vai se verificar, tanto na poesia como na prosa, ou no ensaio, uma tentativa de fixação de alguma coisa ligada à realidade catarinense, por um lado, e por outro lado, uma pesquisa formal no sentido de criar uma linguagem, que pode até não ser válida, pode até ser mais adequada, mas uma linguagem própria de cada um de nós. E claro, que, como sempre ocorre nesses movimentos, muita gente acaba ficando pelo caminho, ou porque teve uma comissão literária, uma inquietação de jovem, ou porque passou depois a se interessar por outras coisas, muito embora alguns deles tivessem boas qualidades. Eu sempre cito no caso, o Valmor Cardoso da Silva, que começou como poeta e autor do primeiro livro que publicamos, "Idade 21". Era um poeta sensível e promissor. Há poucos dias ainda Guimarães Cesar me perguntou porque Valmor parou de escrever. Esse poeta formou-se em Direito, e seguiu outros caminhos. Outro caso semelhante é o de Heitor Balstaedt, que era talvez a melhor vocação de pesquisador e ensaísta de nosso grupo. Em um dos números de nossa revista ele publicou um ensaio sobre um livro de João Gaspar Simões sobre Fernando Pessoa, anotando umas falhas. Isso para nós foi a consagração. Teve uma repercussão enorme em Portugal.

João Gaspar Simões respondeu, dizendo que não concordava com algumas considerações de Balstaedt. Isso para nós em Florianópolis foi a glória.

P. — Eu gostaria que você fizesse um pequeno balanço de que resultado de tudo isso. Quais os frutos deixados pelo Grupo Sul, tanto aqui no Estado como no País?

SM — Nós poderíamos hoje citar meia dúzia de nomes, de um movimento onde circularam uns vinte intelectuais de várias tendências. Acho um número bastante significativo. Podemos por exemplo citar, na parte da literatura, um Guido Wilmar Sassi, que hoje considero um dos bons romancistas brasileiros. Ele tem dois romances excelentes, dois ou três livros de contos da maior importância. É um nome dos mais respeitados hoje na área da ficção. Wilmar participou ativamente do Grupo Sul. Seus dois primeiros livros foram publicados por nós. Com livros publicados aqui em edições quase artesanais, ele di-

vidu com Aurand Dourado o prêmio para contos do INL e a seguir o Primeiro Prêmio de Romance do concurso realizado pela Editora Melhoramentos, de São Paulo. Ainda na área da ficção há um outro nome, Silveira de Souza, que não tem projeção fora da ficção há outros nomes que devem ser citados, Adolfo Bess Junior, que acaba de lançar "As famílias", um livro de contos primorosos. Ody Fraga está fazendo roteiros de filmes. É um dos reis da parochanchada no Brasil. Tem uns 40 filmes com argumento, roteiro e direção dele. Mesmo numa linha de cinema discutível, ele é um nome que está lançando no mercado cinematográfico e que poderá vir a fazer bom cinema. Costumo dizer que no tempo do Grupo Sul ele fazia roteiros das hermeticas que nem ele mesmo entendia. Outro nome, ainda do cinema é o diretor Marcos Farias.

Eglê Malheiros, que também atua nessa área, é autora de roteiros cinematográficos, e tradutora do francês, inglês, alemão e espanhol. É responsável pela tradução de várias obras literárias. Nas artes plásticas temos Hugo Mund Junior, Ernesto Mayer, Hassis, que fizeram suas experiências ligadas ao grupo e através da Revista Sul. Martinho de Ilaro era um nome praticamente esquecido. Foi levantado, não só aqui como para fora do Estado, com entrevista, e materiais mostrando a sua importância dentro das artes plásticas brasileiras, pelo Grupo.

P. — Como foi aquela história de fundação de Museu de Arte Moderna?

SM — Bem, o primeiro museu de arte moderna, oficializado no Brasil, foi organizado pelo Grupo Sul com uma exposição realizada em Florianópolis por Marques Rebelo, que deixou aqui na Capital, um acervo já apreciável, com obras dos grandes artistas plásticos brasileiros da época. Marques Rebelo e Jorge Lacerda, que depois foi governador do Estado e dirigiu então, o Suplemento de Letras e Artes, no Rio, convenceram o governador Aderbal Ramos da Silva que seria importante a oficialização. Então nós tivemos o primeiro museu de arte moderna, que hoje é o Museu de Arte de Santa Catarina, instalado definitivamente ali no histórico prédio da antiga Alfândega.

Salim Miguel encerra sua entrevista, que era especialmente sobre o Grupo Sul, dizendo, além de outras coisas que ficam para a "segunda sessão": "Os escritores catarinenses atuais não só tem o que dizer, como também estão sabendo como dizer". Ele acha isso muito importante. Significa um grande progresso e evidência a importância da literatura catarinense do momento.



21 – A técnica de mostrar o lugar, falando da gente

MAIA, Adinoel Motta. A técnica de mostrar o lugar, falando da gente.
Jornal da Bahia. Salvador, 25 maio 1979.

2/84

RESENHA

A técnica de mostrar o lugar, falando da gente

Casos, estórias, contos, anedotas, todo mundo tem sempre um(a) para contar. A gente às vezes tem a felicidade de barrar com um bom contador de casos ou de anedotas, numa noite de bar ou numa festinha de aniversário. Não me esqueço de um, que encontrei no navio de Itaparica e que envolveu um grupo, de pessoas desconhecidas, na travessia da baía, com narrativas curtas, presas umas às outras como contas de um colar. Depois, se despediu e ninguém mais o viu. Tinha dado o seu recado.

Elas são assim. Que começam a contar sobre um encontro de dois homens e do que fazem ou conversam, sem nenhuma importância maior, vai saindo uma estória que segura o leitor em faz-não-faz, sai-não-sai, diz-não-diz, com um ponta de mistério do que pode acontecer e no fim o que acontece é o que sempre acontece: gente com gente, o interminável encontro da vida.

Basta sentar num canto e olhar para o que as pessoas fazem e não custa se descobrir o que as pessoas são. Há ficcionistas, que têm uma natural vocação para retratar lugares, perdendo-se em longas descrições e na análise de objetos. Outros, descrevem esses lugares através das almas que os ocupam. Começam dizendo o que fazem, o que falam e de repente a gente já vai pensando conhecer não as pessoas, mas o lugar, como se já estivesse estado lá.

Salim Miguel é um pouco de todos esses escritores. Seu livro *A Morte do Tenente e Outras Mortes* reúne onze contos e engrossa a coleção Diadorim, que a Edições Antares (Rua Visconde de Pirajá, 82 — sala 304 — 22410 — Rio) está publicando com muita correção. São estórias de gente que revela personalidades e localidades, entre as quais sua Biguaçu, torrão natal de terras de Santa Catarina. Cada conto uma experiência, ressaltada pela simplicidade da narrativa, sem pedantismo literário, mas com cuidados artísticos, que se descobrem, aqui, e ali:

"Há lapsos. Há interregnos. Há fusões e confusões. Há por vezes uma variante".

A mão que tece em relações sexuais (a ranha), a bela Gina desejada pelos homens a promessa de que "amanhã" vamos largar tudo... vamos nos mandar para sempre" — tudo é um embrião para uma estória bem contada, uma atrás da outra, como carros e vagões de um mesmo trem, diferentes no que são, mas seguindo um mesmo destino.

Morte do tenente e Outras Mortes tem lá suas razões de ter esse título — o tenente morre no primeiro conto — mas é também um livro de vida (contos Esplêndidos, de Moreira Campos, da mesma coleção, tem o tema da morte mais generalizada em seu texto) e de gente que a persegue. E, portanto, um livro que se leva para a cabeceira da cama sem nenhum arrependimento, salvo o de prolongar o estado de virgília, quando se quer dormir, porque há forma e conteúdo no que Salim Miguel diz e ninguém perde por procurar uma e outro no texto corrido algumas vezes lançado com vontade de dizer muito em pouco tempo, ágil, veloz:

"Gerações, familiares, indivíduos, acrescentam um fato, modificam uma face, subtraem um aspecto, juntam, fundem, adicionam, subvertem os dados do problema. A imaginação coletiva entra em ebulção. Torna-se dia a dia mais difícil desentranhar o que há de fantástico ao que existe de verdadeiro".

O livro tem 160 páginas e custa apenas Cr\$ 45, graças ao convênio com o Instituto Nacional do Livro. Como acontece, aliás, com todas as obras da Coleção Diadorim, que se recomenda por inteiro, O, que aliás, deixa sem argumento a quantos dizem que o brasileiro não lê porque o livro é caro.

Adinoel Motta Maia

22 – A morte do tenente e outras mortes

RAMOS, Paulo D. A morte do tenente e outras mortes. **O Pasquim**. Rio de Janeiro, 15 a 21 jun.1979.



23 – A morte do tenente

BERTOLI, Orlando. A morte do tenente. **Tribuna do povo**. Rio do Sul, 23 jun. 1979. p.1.

A Morte do Tenente

Orlando Bértoli
(Presidente da FUCAT)

Foi com íntima satisfação que compareci ao lançamento dos novos livros dos catarinenses Salim Miguel, Guido Wilmar Sassi e Flávio José Cardozo que, ao lado de Hélio Pólvora, por iniciativa da presidência da Assembleia Legislativa, deram uma noite de autógrafos em Florianópolis.

As Edições Antares, com a participação do Instituto Nacional do Livro, facilitam o acesso do público a esses livros de excelente qualidade literária e gráfica, como ocorre com "A Morte do Tenente", "São Miguel", "Zélica e Outros" e "Noites Vivas".

É bom que se diga que nunca tive pretensões a crítico literário, não apenas por me faltarem méritos para tanto, mas principalmente porque esse exercício é difícil e exige muito talento e arte. Aliás, acrescenta-se que a maioria dos críticos conflita com a opinião do leitor comum, como é o meu caso. Isso ocorre com grande parte das obras que costumamos ler, excluídos evidentemente os clássicos, já consagrados independentemente desse ou daquele depoimento.

Como simples leitor, fico feliz ao observar que se oferecem novas oportunidades a escritores que, sem elas, estariam no anonimato e assim não nos dariam o prazer dessas leituras.

A história do tenente, que o meu amigo Salim Miguel, tão bem conta, tendo como cenário uma vila do nosso interior, acontecida durante a primeira Grande Guerra, com gramofone, medo de bichos misteriosos e necessidade de médico, é deliciosa e vale a pena.

O Guido Sassi, já em segunda edição, fala coisas interessantes no seu "São Miguel" e o linguajar da gente da serra e do oeste está muito bem colocado na intensidade dos diálogos. Conheci-o como funcionário do Banco do Brasil quando iniciei a minha carreira política e batíamos bons papos no antigo Café Havana do Schroeder e do Cordeiro. Ao dar-me o livro, foi logo escrevendo: "Saudades de Rio do Sul..." Era um Rio do Sul onde, rodeados de amigos inteligentes discutia-se tudo, sem anteparos ou preconceitos e onde até Kant e São Tomás de Aquino entravam na dança.

Do Hélio Pólvora não devo falar pois é homem que se consagra às letras e aos jornais há muito tempo e tem a sua fama, além de ser editor.

Mas o Flávio Cardozo, que sempre escreve as suas crônicas nos jornais da Capital, está caprichando e crescendo cada vez mais.

Enfim, passei alguns dias saboreando esses escritos, cheios de histórias interessantes e bem modeladas. E orgulho-me de lá ter ido, levando alguns amigos e a minha mulher para algumas horas agradáveis, trazendo na volta, sob forma impressa, o que essa gente de boa bagagem nos tem a oferecer.

Estas notas que vou escrevendo ao correr da pena, dentro do pequeno espaço que me é oferecido, não poderiam terminar sem que registrasse uma colocação, embora pessoal.

É absolutamente necessário que se estimule ou se volte a estimular o gosto pela boa leitura, os bons livros, encerraremos momentos de entretenimento e estaremos prestando um ótimo serviço ao desenvolvimento cultural do país.

Salim Miguel lança novo livro



Numa promoção da Assembleia Legislativa, o escritor catarinense Salim Miguel autografou os primeiros volumes do seu novo livro "A Morte do Tenente e Outras Mortes". Na foto, o autor é cumprimentado pelo Presidente da FUCAT, Orlando Bértoli e pelo jornalista Márcilio Medeiros Filho, Superintendente do jornal "O Estado".

24 – A morte do tenente e outras mortes

COUTINHO, Edilberto. A morte do tenente e outras mortes. **O Pasquim**. Rio de Janeiro, 3 a 9 ago.1979.

A MORTE DO TENENTE E OUTRAS MORTES, Salim Miguel (Edit. Antares)

O autor situa e denomina seu mundo. Biguaçu pode não existir nos atlas convencionais, mas existe e se impõe no mapa literário. Neste território (não menos verdadeiro, porque verossímil, crível) se desenvolvem as histórias em que faz circular seus bem-criados personagens. Há pelo menos um conto, no melhor sentido, antológico: "A aranha". Mas também os outros dão boa medida do escritor como artista dessa intrincada arte do conto, que não é simplesmente de miniatura, mas, principalmente, de concentração. — (Edilberto Coutinho).

25 – EM “A morte do tenente”, os contos que prendem o leitor

EM “A morte do tenente”, os contos que prendem o leitor. **O Estado.** Florianópolis, 03 jun. 1979.p.21.

Em “A Morte do Tenente”, os contos que prendem o leitor.

SALIM MIGUEL, catarinense de Biguaçu, foi um dos precursores em 1948 do movimento que se caracterizou como a fase áurea da cultura do Estado.

O movimento, conhecido como Grupo SUL, não dispensou qualquer criação e inovação surgida em meio à inquietação mundial do pós-guerra.

E foi nessa fase que Salim Miguel empreendeu-se no caminho de ficção e da crítica literária, sem privar-se dos trabalhos simultâneos que continuou a

realizar com sucesso no campo jornalístico.

É ele não esconde, com orgulho que foi um dos poucos a inserir uma entrevista com Carlos Drummond de Andrade na imprensa brasileira (jornal O ESTADO) e que foi colaborador de Antonio Houaiss na Enciclopédia Delta-Larousse.

Sobre o livro, Fausto Cunha diz: “pertence a uma linhagem de livros de contos em que o cenário guarda, uma unidade real ou fictícia, isto é, o autor situa suas histórias numa área delimitada, que existe como tal ou que ele cria ou transfigura”.

Em textos compactos ou em blocos, há um jogo de recordações, de apelo à memória, de diálogos onde temas e motivos procuram identificar e situar os participantes. É a partir daí que o conto se arma. Seja ele guiado por um som penetrante, um cheiro afluente, cores, reconstituição do passado pelos olhos de uma criança, sensações difusas, fixação de tipos com tendências maniaco-depressivas envolvidos pelo meio ambiente. Cada conto, assim, é uma unidade independente. Mas o livro como um todo pretende algo mais: compor o retrato de uma comunidade interiorana e tornar-se num romance desmontável.

Nos textos compactos, o fluxo de consciência, o jogo na memória, o jogo dos diálogos e o uso frequente à recordação parece-me que cria um universo ficcional fechado e sufocante. Um exemplo é o conto “O gramfone”, narrado na primeira pessoa. O personagem, um velho, procura recriar seu mundo, mas não o mundo de hoje, ele não o

que busca se centrar no passado, esquecer o presente. Mas o hoje interfere. No conto (pois mesmo foi este a minha intenção) não se deve perceber se o narrador está pensando ou contando os fatos para alguém. De ambas as coisas ao mesmo tempo. De qualquer maneira, a partir de um som entrecruado incidentalmente, ele, amarrado à sua cadeira de balanço, que já faz parte intrínseca de sua vida, num processo interior determinado, num fluxo e refluxo de consciência, vai e vem, recua e avança, procurando recapitular o passado, a juventude, revolta-se com velhice e a impotência.

Ora, isto só vai sendo aprendido com o decorrer da história, quando se pega do que se ouvia como num quebra-cabeça. Aos poucos, há parte fora do conto, parece haver esta, há buscada recuperação do passado pelo menos por instantes, enquanto o personagem volta a viver a situação, o presente passa a memórias. Ele não

está mais na cadeira, ele está vindo a milhões na porta, está se vendo jovem, está vendo o médico. E então verdadeiramente acontece, por uma necessidade de estruturação interior do conto e pela força de vontade do velho-narrador em recuperar o passado, um momento de linearidade cronológica. Mas isto só depois do velho/adulto/adolescente ter conseguido reconstituir, a partir daquele som inicial que o persegue, toda uma parcela fragmentada de sua vida, um episódio capital que o marcou para sempre, e onde o tenente e sua morte significam uma série de símbolos mais ou menos obscuros. Há, sem dúvida, como não poderia deixar de existir em tais circunstâncias, lacunas e lapsos de tempo, de situações, de ação, de encaixe.

O passado nunca volta inteiro. Fatos posteriores ou anteriores interferem. Mas da mesma forma que para esta recuperação há necessidade de acionar a memória do narrador e o artista aqui usado é o som – há também necessidade de estimular o interesse do leitor, instigá-lo, para que continue a ler, mergulhe em um texto denso, fechado num bloco compacto. Isto é buscado através de sugestões, de situações esboçadas e largadas, retomadas mais adiante e outra vez abandonadas, aproximações, de uma aparente confusão que deve estar muito mais na personagem e precisa ser reconstituída para que adquira autenticidade. É necessária.

então, a participação ativa do leitor, atenção para as armadilhas que a mente prega ao personagem, a fim de que possa chegar a este mundo e conhecê-lo. O mecanismo da memória e o fluxo de consciência se entrelaçam e fundem.

Mas o final, a exemplo do início do conto, não parece direto e o velho-velho que começa a relembrar e o velho-moço como se estivesse vendo os fatos (rei) acontecendo. Entre estes dois extremos, num jogo freqüente, a luta pela reconquista de um mundo irremediavelmente perdido. (Salim Miguel)



26 – OS CONTOS de Salim Miguel

OS CONTOS de Salim Miguel. **Extra.** [S. l.], 28 de jul. a 4 ago.1979.

Os contos de Salim Miguel

Salim Miguel acaba de lançar "A Morte do Tenente e outras mortes", seu quinto livro de contos. O livro vem mais uma vez confirmar que Salim não é um escritor por acaso. Desde a sua primeira participação no grupo literário "Sul", na década de 50, nunca deixou de brigar pela literatura, mais particularmente pela literatura nacional. Crítico de rara sensibilidade e equilíbrio (ao contrário de alguns escritores frustrados que se tornaram críticos), ele sempre foi um participante de linha de frente, vivendo e convivendo com a "fina flor" dos escritores nacionais, entre eles Fausto Cunha e Maria Alice Barroso.

Ao se transferir para o Rio logo após 64, Salim se uniu anos depois a um grupo de escritores para fundar a revista "Ficção", uma das melhores do país no gênero. Do mesmo grupo fazia parte a escritora e tradutora Eglê Malheiros, a grande companheira e incentivadora de Salim — de cuja união resultaram cinco filhos: João José (25 anos), Antônio Carlos (24 anos) Sônia (23 anos), Paulo Sérgio (20 anos) e Luiz Felipe (12 anos).

Ao analisar a obra do escritor catarinense de Biguaçu, Fausto Cunha diz: "Mais de uma vez, em declarações publicadas, Salim Miguel se mostrou um insatisfeito com sua obra. Ele não é um desses escritores que nunca se cansam de lamber a cria. Em 69 ele declarou que "de meus livros pouco posso dizer. Como

experiência pessoal eles me descontentam. Não me satisfazem, ficam longe do que pretendo. Penso que o excesso de teorização (ou a teorização?) é um mal para o ficcionista. O autor deveria ir para a realização de sua obra puro, incontaminado. Contando com a intuição, com uma técnica pessoal que aos poucos vai adquirindo e dominando. E com a imaginação e a visão que tem do mundo e do homem. Ele chega a ser duro no julgamento de sua obra. Não se trata de fingida humildade, mas de sincera insatisfação criadora, de autocritica, produto não de teorização excessiva, e sim de conhecimento do ofício (Salim Miguel é também um excelente crítico de ficção). Seus contos não se deixam contaminar pelas famigeradas "posturas" (via de regra, meras imposturas), nem pelas modas estilísticas.

Em "A Morte do Tenente e outras mortes", 11 contos reunidos retalham e expõem as vísceras da intimidade de Biguaçu antes que ela se tornasse um apêndice de Florianópolis. No conto "Gina-boa" o coquetismo, o sonho e o "avanço" da mocinha da cidade pequena. A insegurança que a faz falar sem preocupar-se com o interlocutor é descrita com impiedade por Salim que mais adiante em "Amanhã", faz o leitor mergulhar na angústia e covardia do grupo de rapazes que procuram repassar aos outros o medo indisfarçado de fugir da cidade pequena. Assim como em "Gina-boa", no "Amanhã" Salim não iden-

tifica os personagens. Eles estão em qualquer das pequenas e desinteressantes cidadezinhas de Santa Catarina. Somam milhares de moços sonhadores pensando da mesma forma:

— "Mas amanhã vai ser

diferente. Amanhã vamos largar tudo. Amanhã vamos nos mandar para sempre, para longe, para bem longe. Amanhã."

E Salim Miguel consegue fazer tudo isso sem vulgarizar a palavra.

A MORTE DO TENENTE E OUTRAS MORTES



27 – Salim Miguel: o conto visto como um iceberg

CUNHA, Fausto. Salim Miguel: o conto visto como um iceberg. **O Popular**. Goiânia, 29 jun.1979. Suplemento Cultural.

SALIM MIGUEL

O CONTO VISTO COMO UM ICEBERG

Quando se fala na geração literária que "vestiu a toga viril" entre 1944 e 1950, tende-se a considerá-la como formada predominantemente de poetas, agressivos e polémicos. Houve, de fato, essa barulhenta geração. Um olhar retrospectivo mostra que foi também e talvez sobretudo, uma geração de contistas, que lideraram grupos e lançaram revistas, no Rio, no Sul, no Nordeste. Contistas que se apresentavam, e iam permanecendo, principalmente como contistas.

Podemos datar dessa década de 40 o aparecimento dos novos contistas brasileiros, que sucediam a prosadores para os quais, na ficção, o romance era a pedra de toque, se não fosse também o bilhete de passagem para a longa travessia literária. Os mestres do contismo eram escritores que o faziam subsidiariamente ou sem a entrega total e exclusiva ao gênero: Machado de Assis, Mário de Andrade, Graciliano Ramos, Marques Rebelo, João Alphonso. Contistas como Alcântara Machado e Aníbal Machado (Montero Lobato dificilmente pode figurar entre os modelos dessa nova geração) não chegaram a firmar doutrina.

A publicação, na década de 40, de livros como *João Ursu*, *Sagarana*, *O Ex-Mágico* já é suficiente para definir o que seria o novo caminho do conto e dos contistas. Um número cada vez maior de escritores jovens se fixava e se afirmava no gênero, sem necessitar da promessa tácita ou explícita de um futuro salto para o gênero "maior", o romance. O conto deixava de ser um exercício preparatório, de fôlego curto, e deixou de ser também "tudo aquilo que o autor chama de conto".

Tudo isso entre nós, é claro, pois ninguém se lembraria de nivelar por baixo a arte de um Tchekov, de uma Katherine Mansfield, cuja vogal foi oportuna e benéfica. O novo conto brasileiro, ainda à sombra daqueles mestres nacionais e influenciado por algumas linhas da época, iria desenvolver numa direção própria, até se transformar nisto que hoje vemos, uma das ficções mais poderosas da literatura ocidental.

certo sentido, o conto é mais "longo" do que o seu texto. *A good story is much "longer" than its words.*

Mais de uma vez, em declarações publicadas, Salim Miguel, se mostrou um insatisfeito com sua obra. Ele não é desses escritores que nunca se cansam de lambear a cria. "De meus livros pouco posso dizer" (declarava ainda em 1969). "Como experiência pessoal eles me descontentam. Não me satisfazem, ficam longe do que pretendo. Penso que o excesso de teorização (ou a teorização?) é um mal para o ficcionista. O autor deveria ir para a realização de sua obra pura, incantando. Contando com a intuição, com uma técnica pessoal que aos poucos vai adquirindo o domínio. E com a imaginação e a visão que tem do mundo e do homem."

Ele chega a ser duro no julgamento da própria obra. Não se trata de fingida humildade, mas de sincera insatisfação criadora, de autorística, produto não de teorização excessiva, e sim de conhecimento do ofício (Salim Miguel é também um excelente crítico de ficção). Seus contos não se deixam contaminar pelas famigeradas "posturas" (via de regra, meras imposturas) nem modos utilitários. Em um único trabalho, "Os Nossos Iguais", de *O Primeiro Gosto*, vamos encontrar o contista-dentro-do-conto, o autor colocado à frente da história e dela fazendo o veículo de suas ideias, de suas inquietudes. É um momento solitário na ficção de Salim Miguel, pelo menos em sua ficção publicada. Paradoxalmente, é também um momento importante, sendo mesmo uma pena que essa variante não tenha ocorrido mais vezes. (Assim como devo lamentar que ele não tenha explorado mais sua vocação para o fantástico ex-

zação suicida, lembrando nisso, determinadas trechos de Steinbeck e de Faulkner. Salim Miguel recia admiravelmente esses indivíduos e suas vagas aspirações quase sem nos contar nada, deixando-os a um ponto da explosão: por isso eles continuam vivos para além das páginas que não foram escritas.

"Nas intermináveis conversas das noites sem fim trancas planos de grandes jogadas, o que fazo lá fora, o lá fora abarcando um mundo novo, de aventuras, emoção, conquistas. Impossível continuar nalguma não-viver sem perspectivas. Um dia dando o grande salto, sim, largam tudo, esquecem a família. Se mudam. O mundo os espera. É preciso audácia."

Seus palavrões não se dirigem contra ninguém. Urram conta a vida, "é um debate diante da própria impotência. É para o visgo que os agarra e mantém ali. A cidade, frágil e insignificante, os deixa com os braços de aço."

A cidade frágil e insignificante. Bi-guau?

Pois Bi-guau é o condado laqueado de Salim Miguel, embora Bi-guau exista nem fica muito longe de Florianópolis. Terra de escritor, ao mesmo tempo é uma cidade — uma aldeia transfigurada, que nunca se altera desde que as tropas de Gatinha a-

serem E.M. Forster, Percy Lubbock, Virginia Woolf, Phyllis Bentley.

Esse conto nos manda de volta ao triptico inicial, menos porque tenha como cenário o burgo de Bi-guau, que nele ganha uma dimensão mais próxima do real, do que pela identificação do foco narrativo, do ponto sensível de que partem a evocação, a visão e a imaginação. "Outubro, 1930" e os contos "O Gramofone", "Um Bom Negócio", "O Presente do Diabo", "O Silêncio Escuro" e "As Queridas Velhinhas" formam um todo novelístico, que transborda do conto como indivíduo literário.

Nos três primeiros contos, a narrativa aparece compactada num só bloco, no interior do qual o tempo flui em várias direções, tem uma duração e um ritmo condicionados ao fluxo memorial ("O Gramofone"), ao fluxo dos eventos ("Um Bom Negócio"), com seu título amarrado por uma referência à história oral. ("O Presente do Diabo"). São blocos compactos, que não permitem a

Velhinhas" compõem com os três primeiros uma parte bem caracterizada do livro, à qual se poderia agregar "Outubro, 1930". São dois contos em que Salim Miguel, abandonando o plano do narrador único, passa a ver os fatos de vários ângulos e com diferentes falas. "O Silêncio Escuro" é uma paródia do mundo de Bi-guau. "As Queridas Velhinhas" traz as vozes da comunidade.

Temos, ali, mais insinuados que explícitos, dois rasgos do estilo de Salim Miguel, que vêm dos seus primeiros livros: a tendência à imitação irônica (e mesmo sarcástica, porém não cruel) do *kitsch* provinciano, e à permanente indignação. De um lado, a consciência crítica, às vezes em relação ao próprio autor. ("Releio o parágrafo anterior, com o seu ranco melancólico. Que fazer? E assim que, aos poucos, a imagem se foi fixando dentro de mim. Paciência! Voltamos ao amanhecer", do conto "Os Nossos Iguais", do autor à inquirição. Averso à confessionalidade, Salim

interiores da literatura ocidental.

Foi o novo conto, mais que o novo romance, que pôs fim à era do romance regionalista nordestino, da ficção urbana meramente descritiva, da literatura de situações, de relato e de tese. No seu variante inicial, o novo conto ainda se deixava arrastar para o anedótico e o regional, reproduzindo em ponto de encontro o universo do romance, perdendo-se em fragmentos e fragmentos, em convenções narrativas. Mas a hesitação durou pouco. Na década de 50 vemos o conto encarnar o novo conto, o novo conto próprio, e na década de 60 ele já constitui uma das áreas mais ricas da literatura brasileira. Na década de 70 veio a tornar-se, com algum exagero, o gênero dominante. Estamos longe de assistir ao seu declínio, embora já se perceba o esgotamento de certas fórmulas, como na década de 50 se esgotou o conto "poético" ou de "atmosfera".

Entre os grupos que na década de 50 partiram para uma ficção nova e particularmente para um conto novo, está o de Sul, formado em Florianópolis, e que teve como um de seus principais integrantes o contista Salim Miguel. Mas que um integrante foi um fundador, um animador, um mentor, aberto à literatura, ao cinema, ao teatro e às artes plásticas. Sul, como Joaquim, e Cile e Revista Branca, e Orfeu, e Tentativa, fez história.

Dessa fase inicial de Salim Miguel datam os contos de *Velhinhas* e de *Alguns Gatos*. O terceiro volume só veio em 1973, cerca de vinte anos depois. A explicação natural para essa distância entre um livro e outro é o eterno problema editorial brasileiro (as histórias que compõem *O Primeiro Gosto* já estavam prontas pelo menos desde 1960, como se vê da entrevista que, naquele ano, deu a Henry Gorga Filho). Mas na outra, que o próprio contista fornece, numa entrevista a Raul Caidas Filho:

"Essa parada (diz Salim Miguel) não significou o abandono da atividade literária, mas uma reformulação de posições diante do fenômeno estilístico-literário. Escrever, para mim, é um ato compulsivo, que nunca poderá ser abandonado. Creio que quando mais jovem, por menos valioso que sejam, sempre nos agrada a publicação em livro, o nome numa lombada. Com o tempo vemos que o importante não é publicar. Importante é o que se publica. Importante é que a obra tenha significado, represente alguma coisa, seja estética e socialmente válida. Não basta que tenhamos o que contar, é preciso saber contar."

Essas declarações lembram o que escreveu Dorothy Parker à entrada de sua grande antologia do conto universal (feita em colaboração com Frederick Shoyer). Disse ela que o conto é mais ou menos como um iceberg: a massa de gelo que se vê acima da água é muito menos que a submersa, e esta é que sustenta o bloco. Por isso, o leitor, quando lê uma história bem feita, sente que fica sabendo mais dos personagens e de seu mundo do que aquilo que lhe foi contado diretamente pelo autor. Em

mais sua vocação para o fantástico, expressa num conto de antecipação científica, "O Virus".

Que esse descontentamento não deve ser interpretado com simples atitudes noli, prova sua maneira de encarar, de conceituar a ficção. "Continuo achando que ficção é sugestão, é invenção, é agressão. Sugestão no sentido de que o autor deve exigir a participação do leitor, não lhe entregando tudo mastigado. (Né estamos nós de um mundo plena "teoria" do iceberg). Invenção que pode — e deve — tornar-se mais real do que a realidade vivida e presenciada, temos diante dos olhos, dependendo da força do escritor e do seu poder de convencer e da autenticidade que ele consegue insuflar a sua criação. Por fim, a finalidade da arte não é agradar, mas agredir. O que não implica em desagradar..."

Basta ler os contos deste livro — e os de *Velhinhas*, *Alguns Gatos*, *O Primeiro Gosto* — para perceber que em Salim Miguel a agressão não se traduz por uma violência da linguagem, pelo desejo (tantas vezes punível) de chocar o leitor, pela adoção de temas supostamente fortes ou crus. O conto final, "Amãhã", é mesmo uma exceção na sua obra, que raramente se preocupa com a aderência à realidade. O que não impede que seja um grande conto. Pode-se admitir em "Amãhã" um princípio de transição da linha mais fechada dos primeiros contos do livro, em que a realidade e a condensa de tal forma que o campo de visão às vezes se obscurece, como num *black hole*, para a transparência dialogal desse grupo de seres marginais que se refugiavam numa espécie de contemporâ-

transfigurada, que desde os tempos de Gatinha, que as tropas de Gatinha atravessam em outubro de 1930. Essa data é justamente o título de um dos inúmeros impressionantes, deste livro, pela sua densidade e pelo seu desenvolvimento em planos sucessivos: a revolução vista entre a curiosidade e o assombro da criança, que simultaneamente toma conhecimento de outro fenômeno estranho, a morte. O garoto morto, a mosca passando em seu rosto, em seu corpo, até se deter na pupila formando como que uma nova pupila, preta e nítida ao lado da intensamente azul e insondável do céu.

A fixação detalhada desse pequeno incidente está associada a uma fascinação cinematográfica, de que em outros contos e em outros livros de Salim Miguel podemos encontrar exemplos. São "tomadas de plano", instantâneos, o visual como primeiro elemento de contato. Nos contos "No Cartório" e "Sem Rumo", de *O Primeiro Gosto*, essa descrição (no sentido que lhe dá Phyllis Bentley) está bem caracterizada, consistindo — ou a valorização — dessa abordagem visual radica-se numa velha paixão de Salim Miguel, o cinema (em colaboração com Egil Matheos, fez roteiros como os de *O Preço da Húia* e *Fogo Morto*, além de outros trabalhos profissionais).

"Outubro, 1930" seria um bom ponto de partida para estudar em Salim Miguel, e por extensão no conto brasileiro moderno, a diferença entre argumento, enredo (plot) e história (story), entre descrição e cena, entre episódio e incidente, à luz de conceitos oferecidos por uma tradição crítica em que se in-

terruptão, da leitura, mas constituída de frases curtas, sincopadas, nervosas, que comunicam um tom surdo ("O Gramofone") ou uma exasperante lentidão ("O Gramofone"), de cheiros ("Um Bom Negócio") e de cores ("O Presente do Diabo"), onde os personagens tem uma extraordinária nobreza, a violência, o espaço, de meio, da matéria circundante. Nunca num mundo mimético, criado ad hoc, mas uma natureza que pré-existe, co-existe e sub-siste ao conto. Nesse sentido, "Um Bom Negócio" é um exemplo pouco comum na ficção brasileira de transmissão da imagem sensorial: todo o conto está impregnado de uma intensa carga olfativa, o terível cheiro de camarão seco, um odor a morte e podridão."

A *Morte do Tenente* pertence a uma família de livros de contos em que o cenário, o pano-de-fundo, guarda uma unidade real ou fictícia, isto é, o autor alia suas histórias numa área delimitada, que existe como tal ou que ele cria ou transfigura. Temos o elemento clássico de Sherwood Anderson, no Brasil podemos citar Jorge Medauar, Juarez Barroso, Faulkner e Flannery O'Connor, como Tchekov, com seus muliebrês. Bert Harte são outros nomes de Salim Miguel — e não só dos deste último livro — com a espacialidade e a temporalidade que o contista lhe deu. As figuras humanas transmitem de um conto para outro, como que se nos tornam familiares, sem que isso quebre a unidade de cada trabalho como conto em si, independente do conjunto.

"O Silêncio Escuro" e "As Queridas

Averso à confessionalidade. Salim Miguel também não se excede no traço epigramático. E ironia mais triste do que demência, com um fundo de ceticismo. A interrogação, deixada no ar, que pontua a construção de "As Queridas Velhinhas", parece insistentemente na prosa de Salim Miguel. Nessas palavras brucas, nessas interrupções do pensamento, nessas quebras da justaposição da sequência a essas recusas lógicas do fato consumado, da aparência ostensiva, está latente a veia angustiosa.

Os passantes — eles sim mudavam, variavam, envelheciam, sumiam — as viam à janela, rosto muito de passado. Quase colado, olhinhos vivos, destruídos, indiferentes ou atentos ao menor rumor de um mundo que eles ignoravam, um movimento que lhes era hostil, não-não, hostil não, o que é falso, desconhecido, que eles não queriam compreender e aprender. Queriam? (...) "O que teria mudado — ou acabado — a morte das queridas velhinhas? Pouco depois, é a terra a envolver no esquecimento aquelas vidas de um mundo sumido, que elas viveram. Não viveram?"

O que o humano conserva todos os seus segredos, todos os seus mistérios, mesmo depois da morte. A morte não desvenda o enigma da vida. O contista não volta a intimidade de seus personagens, não se preocupa em fazer-lhes *flat out* round, mas em fazê-los profundos. No pudor da revelação, a dúvida, na abstenção do confessional, o silêncio agnóstico.

Do lado esquerdo carregou os meus mortos. Por isso caminho um pouco de banda" reza o epígrafe de Carlos Drummond de Andrade, uma das leis que Salim Miguel escolheu para *A Morte do Tenente* e *Outras Mortes*. Mas Bi-guau não é um mundo morto, estagnado, uma Brigadão que de cem em cem anos emerge do invisível. Em várias histórias deste livro, a vida está desperta e pulsante, como em "Gina-Boa" e "A Aranha". Este, em mais de um sentido, é um conto à parte dentro do volume, com seu intenso erotismo e um tratamento da linguagem literária que marca um dos pontos mais altos da obra de Salim Miguel e do conto brasileiro atual. O menor que se pode dizer de "A Aranha" é que ele nasce autológico. Demonstra igualmente, como "O Gramofone", "Outubro, 1930" e "Amãhã", a grande maleabilidade de seu instrumento literário, que se ajusta ao gênero e à consistência da matéria que trabalha.

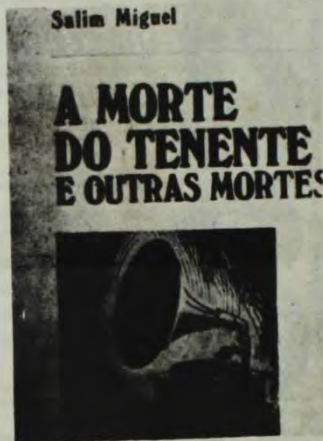
O que mais me atrai, como escritor, é a pesquisa. Sou um eterno insatisfeito. E muito me orgulho disso. Por isso mesmo acredito que dificilmente deixarei uma obra acabada. Ainda não sei o que se intitula acabado. Acabado é morto — declarou Salim Miguel numa entrevista, e é sempre bom colher o pensamento do autor na fonte. Não sei se os contos de *A Morte do Tenente* e *Outras Mortes* ainda o descontentam. O que sei é que nenhum leitor dirá a mesma coisa. Como experiência literária, é um livro (bem) acabado e vivo.

Fausto Cunha

MARCELA RAMOS, 79

MENEZES, Holdemar. A morte do Tenente. **A Verdade**. [S.l.], set./out.1979.n.14

Para consagrá-los bastaria o prefácio de **Fausto Cunha**, denominado: "Salim Miguel: o conto visto como um **iceberg**". Um estudo à altura de todo o processo cultural que **Salim Miguel** de há muito vem desenvolvendo no Estado de Santa Catarina.



A MORTE DO TENENTE

Salim Miguel, depois de "O Primeiro Gosto", lançado pela Movimento, de Porto Alegre, retorna pela Antares/MEC com **A Morte do Tenente e Outras Morte**.

O livro foi lançado em 8 de junho passado, no Palácio Barriga-Verde, numa promoção conjunta Assembleia-Universidade Federal-Secretaria de Comunicação Social, em concorrida noite de autógrafos.

Participaram da mesma reunião cultural **Hélio Pólvora**, com "Noites Vivas"; **Guido Wilmar Sassi**, com a reedição de "São Miguel" e **Hávio José Cardozo**, com "Zélica e Outros".

Antes, pela manhã, os autores citados estiveram debatendo suas obras e seus processos de criação com estudantes e professores das áreas de Jornalismo e Literatura, numa promoção elogiável desse moço capaz e dinâmico, prof. Moacir Pereira.

Sobre os contos que compõem "A Morte do Tenente e Outros Morte" muita gente importante já se manifestou.

nº. 520, comenta: "Além da generosa figura humana, **Salim Miguel** — um dos editores de "Ficção" — é um notável contador de histórias. O autor do antológico romance "Rede" lança agora estes 11 contos de grande riqueza visual e tocante humanismo, que têm como pano de fundo a cidadezinha de Biguaçu, no litoral catarinense. Sem dar bola para os modismos do atual festival de criatividade que assola o país, **Salim** consegue se manter fiel a uma arte popular e realista. Um de nossos poucos escritores que de fato capta, em outro nível, o que existe (em estado bruto) na memória maltratada de nossa gente".

Diz **Elias José**, em o suplemento "Livro", do JB: "Após a leitura dos 11 contos que compõem o volume, fica-nos a certeza de que **Salim Miguel** tinha o que contar e sabia bem como. Soube equilibrar conteúdo e forma de tal maneira que aparecem como algo indivisível".

A POESIA É NECESSÁRIA

VARIAÇÕES SOBRE A CIDADE

Pedro Garcia

*A cidade pode ser pequena
ligada por ponte
ou uma vila cujo ponto
é uma fonte.*

*A cidade engole o homem
o come (muitas vezes)*

*A cidade é amorável
com seus brilhantes de luz acesa
ao longe*

*A cidade muitas vezes é triste
e triste se esconde
oceano abaixo.*

*A cidade pode ser a minha:
uma ilha pequena e cinza
sem horizonte delimitado
ou a tua: com morros e montes
fechando-a como tenazes
limitando-a no horizonte
tem um coração e um estômago
e uma ferocidade suicida
no seu seio esconde a bomba.*

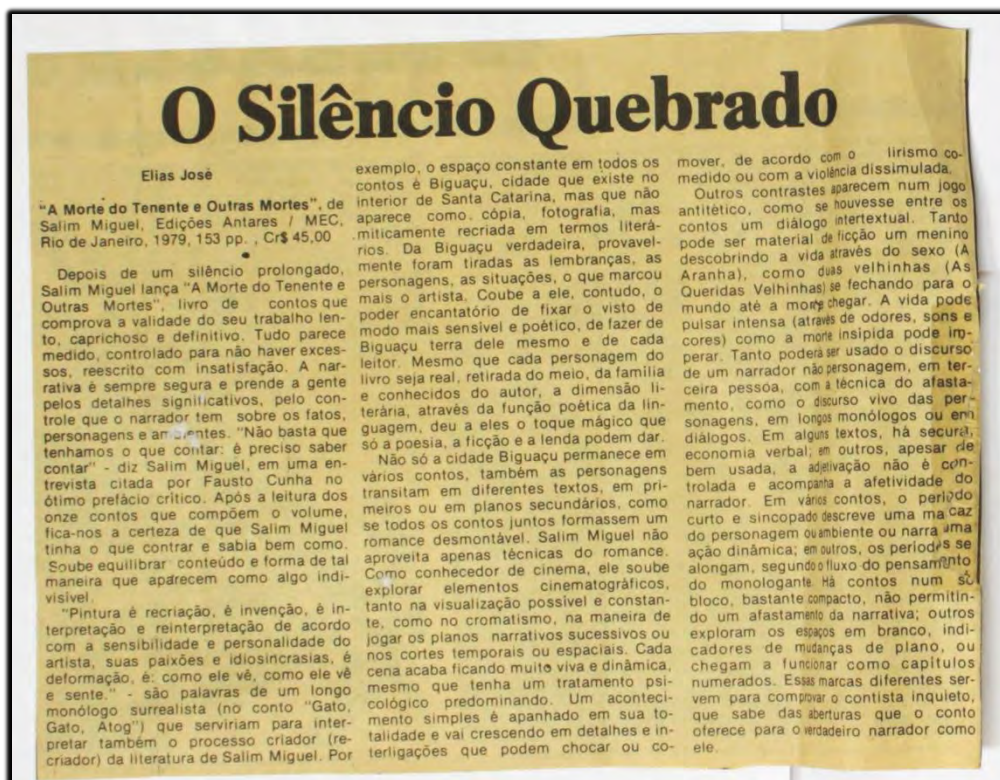
Através do prefácio de **Fausto Cunha**, toma-se conhecimento do pensamento de **Salim Miguel**, em entrevista fornecida a Raul Caldas Filho: "Escrever, para mim, é um ato compulsivo, que nunca poderá ser abandonado. Creio que quando mais jovens, por menos vaidosos que sejamos, sempre nos agrada a publicação em livro, o nome numa lombada. Com o tempo vemos que o importante não é publicar. Importante é o que se publica. Importante é que a obra tenha significado, represente alguma coisa, seja estética e socialmente válida. Não basta que tenhamos o que contar: é preciso saber contar".

Está aí o depoimento de um escritor calejado na arte de escrever. Não poderia ser mais conciso nem mais lúcido nem mais verdadeiro. Eu, que sou um autor menor, nunca pensei de outra maneira. Que sirva para os iniciantes, sófregos em publicar, mesmo que, num amanhã não distante, se envergonhem do livro parido às pressas, no assento traseiro do táxi.

Paulo D. Ramos, em o PASQUIM de

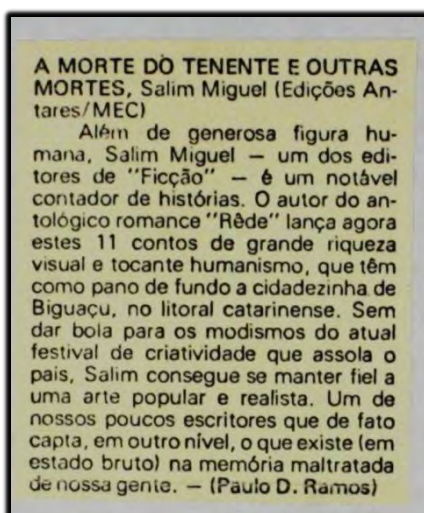
29 - O Silêncio quebrado

JOSÉ, Elias. O Silêncio quebrado. **Suplemento Cultural**. Goiânia, 07 out.1979.p.2.



30 – A morte do tenente e outras mortes

DERENGOSKI, Paulo Ramos. A morte do tenente e outras mortes. **O Pasquim**. Rio de Janeiro, 09 out.1979.



31 – A tradição e a possibilidade da ruptura

FARIAS, Marcílio. A tradição e a possibilidade da ruptura. **Correio Brasiliense**. Brasília, 27 nov.1979.

A tradição e a possibilidade de ruptura

O conto é, antes de uma formulação, uma opção literária de padrão narrativo. Qualquer delimitação crítica em torno do conto, só possibilita uma abordagem dentro daquelas opções historicamente configuradas: dentro daquilo que aquelas formulações produziram. Teríamos assim uma linha que iniciaria com as narrativas de Scott e Corantes, cristalizaria - se - lá em Poe (este ainda lembrando muito Stenel), e adquiriria a sua rotulação definitiva em Maupassant, Malaparte, Faulkner e Machado.

Salim Miguel filia - se aquela tradição contística transicional entre o experimentalismo Joyceano e o stream Faulkneriano. As influências das formulações contísticas do irlandês e do americano foram incisivas para a geração de prosadores brasileiros dos 30 e dos 40 décadas em que esse gênero de opção literária encontrou sua maior florescência.

Essa tradição cultua a formulação dos espaços gráficos manipulados pela sintaxe. É uma literatura de elaborações quase que artesanais, como se o conto se assemelhasse a alguma daquelas talhas toscas onde madeira e mão do artesão parecem buscar a forma ou o contorno mais perfeitos, em plena luz do dia. Toda a contística, de, por exemplo, um Marques Rebelo tem essa proposição como premissa irreversível. Assim com as formulações de Fonseca (contista recente), ou do excelente Fernando Abreu.

A rigor, todas as formulações do conto no Brasil situam - se entre a ruptura com essa tradição e o revitalizamento dessa mesma tradição.

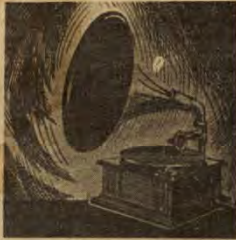
No caso de Salim Miguel, os 11 contos de "A morte do tenente e outras histórias" (Edições Antares/MEC), são uma arrojada tentativa de revitalizar uma arquitetura contística que se julgaria à beira de uma exaustão indiscutível. (O leitor estranhará o não mencionamento da literatura contística latinoamericana, onde se faz o que de melhor existe em termos contísticos, haja vista as experiências inigualáveis de Borges, Cortázar, João Antonio, Sábato, Puig e Marquez. No entanto, note - se que estamos falando aqui da literatura contística ligada àquela tradição narrativa linear ou para-linear, objeto das preocupações dos imigrantes e que marcaram visceralmente a construção do conto brasileiro em particular. A literatura de Borges ou Cortázar, por exemplo, sempre esteve distante dessas influências ou melhor, sempre rejeitou essas influências em detrimento de outras como o Erudicionismo ou o Fantástico da literatura Bretã dos séculos XIV e XIII).

Os seis primeiros contos de "A morte do tenente" revelam um Salim Miguel preso aos cânones da composição faulkneriana. Esse "método" de composição narrativa define - se pelo adensamento dos períodos na medida exata de sua concisão. Ao mesmo tempo, a ritmidade das frases vai sendo determinada pelo tipo de psicologismo envolvido e que é condição sinquanton para desencadear o processo que ficou enfiado pelo anglicismo de stream of consciousness.

Exatamente, por isso é que nota a diferença entre esse bloco de seis e o segundo bloco, de cinco narrativas. Nas primeiras (especialmente "O gramofone" - onde existem ressonâncias de frase e parágrafo que lembram muito Saroyam), o pontilhismo das situações mínimas é máximo. O

Salim Miguel

A MORTE DO TENENTE E OUTRAS MORTES



Antares/MEC

autor leva o detalhismo das sutilezas psicológicas numa ciranda minuciosa, inventariante, típica portanto dos analíticos iniciados por Faulkner, desde seu "Soldier's Pay".

A uma semelhança incrível, inclusive na utilização do recurso mitográfico; assim como a Yonoputava de Faulkner, as histórias do Salim Miguel possuem um ponto de convergência - referencial mitográfico. Biguacu, cidadezinha microcosmos onde laboratorizam - se as indagações de Miguel.

Essa fidelidade a uma tradição contística, que se conseguiu produzir obras mestras de acuidade e exatidão narrativa, por outro lado excoetizou parte e meia da literatura da América. E isso sua mais trágica quando se constata que a produção final de autores como O'Connor, Anderson e mesmo Moravia, é simplesmente detestável. No conto americano hoje, ainda filiado a essa tradição, o único nome respeitável ainda é o de Capote - apesar da purpura que, a cada dia que passa, ele insiste em lançar ao redor de si mesmo.

Justamente quando rompe com as preocupações arquitetônicas e lança - se aos apelos livres da palavra, ao discurso interior que antecede a operação criativa, é que as narrativas de Salim Miguel adquirem seu maior vigor. Talvez por perderem o ranço elitizante e pretencioso, tão típico da chafite provinciana do último Faulkner ou do último Lewis.

Os cinco contos que compõem a última parte do livro são primores narrativos indiscutíveis. Obras - primas da acuidade perceptiva, do sentido rítmico dos sentimentos expressos pelo signo gráfico: atenção redobrada ao jogo alfabético que se entremela, no lance de palavra e significado. "Reunião", "Galo, gato, atag", "A aranha", "Outubro 1930" e "Amanhã" são peças que orgulham qualquer leitor. Mais próximas do novo cortazariano/borgiano, são trans-

figurações do real pela apresentação desse real em sua naturalidade vivida, e vivida pelo autor em todo o seu peso. Não mais a recriação dos fatos a partir da requintada elaboração verbal; não mais o pirtecismo sintático como ponte entre o sentido e o vetor captacional desse sentido. Os últimos contos do livro revelam as possibilidades que se abrem para a narrativa de Salim Miguel.

Possibilidades, que largam o primado da arquitetura pelo primado do fluxo de idéias a serviço de um significado. Da palavra. O jogo entre elas pertence a maior ou menor clarificação do autor diante do real e de si mesmo. Essa a grande lição de Borges e Cortázar. O dizer só é dizer na medida em que o homem que diz é antes de si - lo, e quando o é, é - o através do fato literário, com o fato literário e pelo fato literário. Essa postura pode ser ampliada a todos os modulizâncias do ofício artístico.

Sem ter, evidentemente, o arrojo de João Antonio, que sozinho levava nas costas a responsabilidade (e a alegria, talvez), de ser o único contista a enveredar pelas facetas do Novo com toda a disponibilidade do seu fazer criador, o processo criativo de Salim Miguel, pelo que evidenciam seus últimos contos está maduramente preparado para uma guinada mais radical: para a ruptura saudável e total com os arquétipos e paradigmas narrativos que agora só têm o mérito de cultivar uma literatura de formulações precisas, sim, exatas, sim, mas justamente por isso, autoreduzidas de um distanciamento que inicia no momento em que a dança dos signos se torna superficial por ser adensada em um experimentalismo exacerbadamente longe do sentimento, da aproximação, da transparência.

A intersubjetividade antes de se constituir numa premissa filosófica é a essência e a razão de qualquer fato criador. Assim como o rumo é determinado pelo sentido dos passos.

MARCLIO FARIAS

32 – Seguro e Homogêneo.

MELLO, Maria Amélia. Seguro e Homogêneo. **Tribuna da Imprensa.** [S. l.], 08 e 09 dez.1979. Suplemento. p.7.

Seguro e homogêneo

Maria Amélia Mello

A Morte do Tenente e Outras Mortes,

Salim Miguel. Edições Antares/MEC,
153 págs. Cr\$ 45,00.

Nas livrarias, *A Morte do Tenente e Outras Mortes*, volume de contos de Salim Miguel que, após lançar quatro livros regionalmente, sai agora em edição nacional.

Em 1951, aos 27 anos, o jornalista Salim Miguel, ativo integrante do grupo *Sul*, movimento que reunia autores catarinenses na década de 50, estreava, em Florianópolis com *Velhice e Outros Contos*. De lá para cá, não se pode dizer que tenha publicado com frequência; versátil, enveredou pelo cinema (roteiros de "A Cartomante" e "Fogo Morto"), pela crítica literária e é um dos editores da revista *Ficção*. Mas, seus livros acabaram passando despercebidos da crítica e do público: o circuito de tais edições estava fora do eixo Rio-São Paulo.

A Morte do Tenente e Outras Mortes reúne onze contos, que demonstram a habilidade do autor em "armar" uma (boa) história e desenvolvê-la com cuidado artesanal. O núcleo ficcional de Salim é Biguaçu, pequena cidade do interior de Santa Catarina (como diz Fausto Cunha em oportuno prefácio: "Biguaçu é o condado faulkneriano de Salim Miguel"), que se torna fonte inesgotável e material vivo para suas narrativas. As histórias são independentes, mas se encaixam e formam um perfil muito particular da vida da encurralada da região. Longe dos cacetes das vanguardas e avesso aos modismos, SM milha universo ficcional próprio. Suas situações são densas, amargas, reflexos daquele mundo de limitadas opções. Através das cores, dos cheiros, dos sons, do cenário, do ritmo, das falas (por ex, em "O presente do diabo" e "Gina-bon") vai criando um vigoroso mundo que nos envolve. Assim, sugere, esboça, não entrega fácil as histórias. O leitor se vê preso ao que acontece, arriscando sempre a possibilidade dos acontecimentos submersos surpreendê-lo a cada linha. Os personagens circulam e convivem, trazendo seus dramas de um conto a outro e cumprindo seus destinos, tornam-se reais. Do irônico/trágico ("Um bom negócio") às raias do absurdo ("O silêncio escuro" e "As queridas velhinhas"), do satírico ("Reunião") à tensão emocional ("Amanhã"), do criativo e lúdico ("Galo, gato, atog") ao rico e sensual ("A Aranha"), um livro homogêneo, fruto de trabalho sério. Merece destaque o fortíssimo "O Gramofone", retrato nervoso, fluxo contínuo da memória (no caso, o som). É verdade que Salim Miguel tem publicado pouco e esparsado, mas, ao contrário da avideza de certos autores, o catarinense trabalha em silêncio e acerta muito.

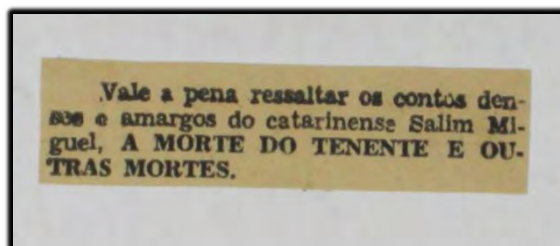
Salim Miguel

A MORTE DO TENENTE E OUTRAS MORTES



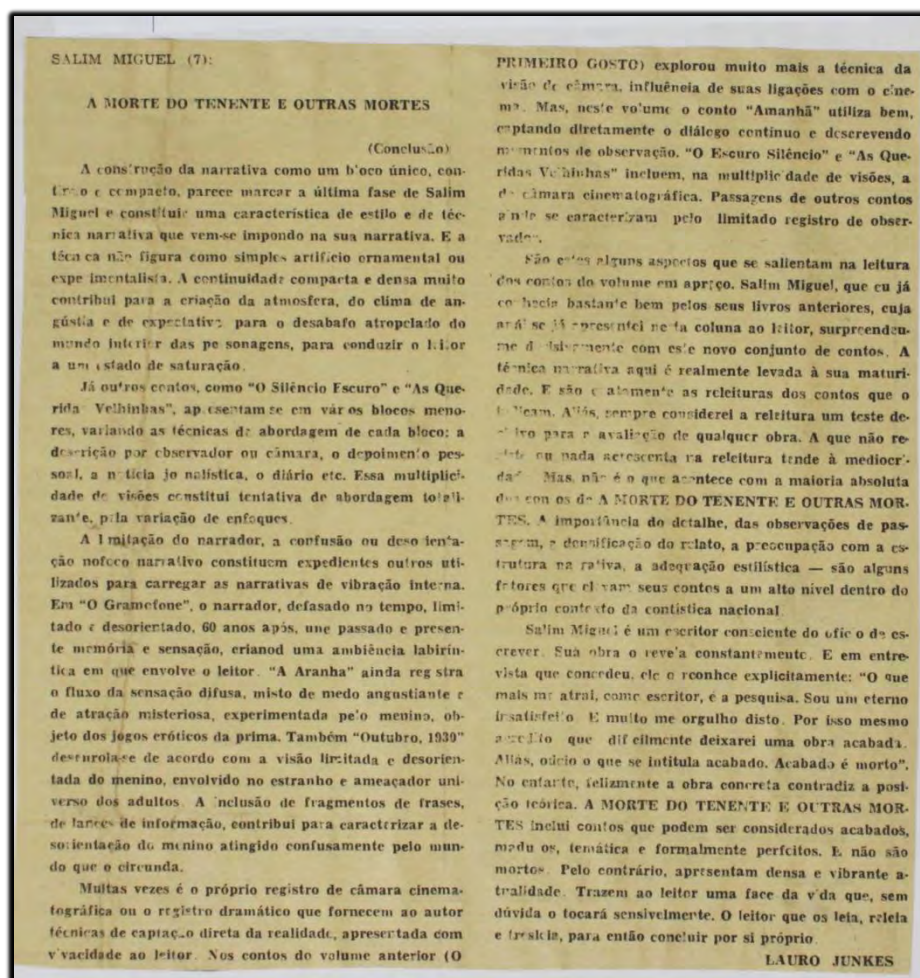
33 – Um ano nada fictício

GIUDICE, Victor. Um ano nada fictício. [S. n: S.I.], 23 dez.1979.p.7.



34 - A morte do tenente e outras mortes

MIGUEL, Salim. A morte do tenente e outras mortes (conclusão). **A Gazeta**. Florianópolis, 27 dez.1979.p.6.



35 - Escolha pessoal

PONTES, Mário. Escolha pessoal. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 29 dez.1979.p.2.

CONTO — Quase inumeráveis as coletâneas de contos e novelas. Algumas lançadas em 1978: *Armas e Corações*, Autran Dourado; *Lindas Pernas*, Luiz Vilela; *A Morte do Tenente e Outras Mortes*, Salim Miguel; *Os Doze Parafusos*, Moreira Campos; *Sala de Espera*, Ana Maria Martins; *Avarias*, Miguel Jorge; *Dia de Matar Patrão*, Julieta de Godoy Ladeira; *Idas e Vinda*, Carmo Neto; *A Noite Estrelada*, Judith Grossman; *Inventario*, Elisa Lis

pector; *Um Homem Bebe Cerveja*, Jefferson Ribeiro de Andrade; *A Rebelião dos Mortos*, Luiz Fernando Emediato; *Soy Loco por Ti América*, Marcos Reis; *A Sonda Uretral*, Holdemar Menezes; *Zelica e os Outros*, Flávio José Cardozo; *Hombre*, Sérgio Faraco; *Os Venenos de Lucrecia*, Sonia Coutinho.

O melhor dos romancistas mais jovens traz também a marca da experiência. Visível em Luiz Vilela (*O Inferno é Aqui Mesmo*), Antônio Torres (*Carta ao Bispo*), Moacyr Scliar (*Os Voluntários*), Ivan Angelo (*A Casa de Vidro*), João Ubaldo Ribeiro (*Vila Real*). Entre as boas coletâneas de contos publicados no ano, nenhuma também de estreante: *Virgem Louca*, *Loucos Beijos*, de Dalton Trevisan; *O Cobrador*, de Rubem Fonseca; *A Morte do Tenente e Outras Mortes*, de

Salim Miguel; *Inquieta Viagem ao Fundo do Poço*, de Elias José. A memorialística teve seu ponto alto com o aparecimento de *A Menina do Sobrado* de Cyro dos Anjos, autor há muito consagrado. Editorialmente, fato marcante na área foi a reunião em um volume, com o título de *Alma do Tempo*, dos quatro livros de memórias de Afonso Arinos de Melo Franco.

36 – A morte do tenente e outras mortes

VIEIRA, Carlos Adauto. A morte do tenente e outras mortes. **Comentários e notas sobre leitura.** Florianópolis, 10 jan.1980.

A MORTE DO TENENTE E OUTRAS MORTES

Salim Miguel para mim sempre foi um excelente crítico de ficção. Fundador de uma cultura literária avassaladora e de um senso apurado de análise poderia passar a vida fazendo apenas crítica. Pois, apesar disso e de ter consciência disto, Salim Miguel escreve ele mesmo, boa ficção por especial contos, de que já tem alguns livros (Alguma Gente, O Primeiro Gosto, Velhice e outros contos).

Agora, somando relatos de memória, infância, adolescência, damos este A Morte do Tenente e Outras Mortes.

Bastariam os contos em torno à figura do seu pai, o professor Yusef, liberto transformado em comerciante no Brasil, para justificar o volume: O gramofone Um bom negócio.

Mas, ressaltar, As queridas velhinhas é uma das suas vantagens e uma desvantagem lido, creio que em Ficção e a discutia com o Salim. Nossas opiniões eram idênticas.

Talvez seja o melhor livro dele. Difícil dizer. Mas se nota o amadurecimento cada vez maior de quem sabe escolher o caminho, buscando o aperfeiçoamento constante.

Uma edição Antares/

37 - A Editora do mês Antares: qualidade editorial acima de tudo.

A Editora do mês Antares: qualidade editorial acima de tudo. **Tudo é diálogo.** Porto Alegre, maio 1980.

A EDITORA DO MÊS

Antares: Qualidade editorial acima de tudo

Uma série de obras de ficção, voltada exclusivamente para o autor nacional, assinalou o aparecimento de um novo grupo no mercado editorial brasileiro: Antares.

Esta editora, criada em 1978, reúne profissionais especializados nos vários setores da atividade, com um objetivo comum: o de colocar à disposição do público bons textos, com um cuidadoso tratamento editorial.

A programação inicial da Antares incluiu lançamentos de autores nacionais no campo da ficção (adultos e crianças) e das ciências humanas.

A Coleção Diadorim, confiada ao ficcionista e crítico literário Hélio Pólvora, é a primeira concretização dessa diretriz básica.

Uma preocupação inicial foi a de reapresentar ao público autores cujas obras, nos decênios de 1950 e 1960, principalmente, marcaram presença nos gêneros do romance, da novela e do conto, firmando seus nomes entre os mais representativos da nossa literatura contemporânea. Relançá-los significa pôr nas mãos de leitores mais recentes escritores de envergadura de um Moreira Campos, um Jorge Medauar, um Ricardo Hoffmann, um Guido Wilmar Sassi, um Hélio Pólvora.

Essa orientação vem ao encontro de uma necessidade de há muito sentida, uma vez que os novos ficcionistas brasileiros, com atuação nestes últimos anos, descendem, em linha direta, das gerações de 50 e 60.

Além de reedições, os primeiros lançamentos da Diadorim incluem também obras inéditas de autores que se projetaram naquele período, como é o caso de Salim Miguel, que se apresenta com **A Morte do Tenente e Outras Mortes**, seu último livro de contos.

Comprometida com a boa literatura, independentemente de tendências, correntes e modismos, a coleção acolherá todos aqueles, veteranos ou estreantes, que têm uma efetiva contribuição a oferecer.

Todos os livros da Diadorim são precedidos de um prefácio e um apêndice de apreciações críticas sobre o conjunto de obras do autor, e enriquecidos com uma copiosa informação bibliográfica. Os prefaciadores, recrutados entre nossos mais renomados especialistas, são Paulo Rónai, Assis Brasil, Antonio Hohlfeldt, Fausto Cunha, Hélio Pólvora e Francisco Carvalho. O brilho e a acuidade de seus trabalhos incitam à leitura de textos, ao mesmo tempo em que a valorizam, propiciando subsídios necessários a uma adequada avaliação da obra.

Graças ao apoio do Instituto Nacional do Livro, os cinco primeiros lançamentos da Antares, coleção Diadorim, chegaram ao público com preços muito acessíveis. Agora a coleção será ampliada com a publicação de novos títulos no corrente ano.

Fora da coleção, a Antares editou 6 títulos importantes em romance, conto e poesia, todos de sucesso para a editora.

Em 1979, lançou o primeiro título da Antares Universitária: **Metodologia das Ciências Sociais — A fenomenologia Alfred Schutz**, da Prof^a Creusa Capalbo. Em preparo, dentro desta coleção, mais dois títulos de outros autores.

Ainda em 79, iniciou a publicação de obras infanto-juvenis, com **Lá de Umbigo**, de Elvira Vigna, que dispensa comentários. Nesta área, a Antares vai lançar **Perigo no Fundo do Mar**, de um autor de apenas 16 anos. Aguardem.

Também em 79 a Antares recebeu o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, com o livro **Cacau em Prosa e Verso**, na categoria de melhor Produção Editorial — Obra Avulsa.